

5 ANÁLISE DE DISCURSOS DOS CORPI

Esse capítulo enfoca a terceira fase adotada do MEDS (Metodologia de Explicitação do Discurso Subjacente): *análise dos discursos coletados dos escritores*, que é composta de duas (2) etapas - *análise intra-discursos* e *análise inter-discursos*.

Resumidamente, pode-se dizer que a primeira etapa apresentada - *análise intra-discursos* - trata-se de uma análise detalhada, aprofundada e sistemática de cada um dos discursos de Pease e Pease (2000) e de Gray (1995), que possibilitou comparações internas de onde emergiram inconsistências, contradições e novos usos de linguagem. Vale ressaltar que, nesse ponto, para o MEDS, as possíveis contradições ou inconsistências, no discurso coletado, são valorizadas como uma declaração/comprovação da sinceridade e espontaneidade do discurso. Essas contradições, associadas às demais características discursivas, tais como a utilização de embasamento teórico ou, uso da linguagem científica para convencimento do leitor, ou, ainda, a adoção de novos significados associados a termos antigos, funcionam como as vias de acesso principais aos conflitos e transformações de caráter interno. Todo esse trabalho intra-discursivo de análise serviu, também, de fio condutor para o levantamento dos pressupostos teóricos explicitados pelos dois autores dos livros de *auto-ajuda*. Portanto, dessa forma, ganha-se acesso ao discurso subjacente apresentado por cada escritor.

Já na segunda etapa - *análise inter-discursos* - os discursos dos 2 escritores são sistematicamente comparados - e emergiu, destacadamente, a categoria *comunicação* como fruto de recorrência e priorização em ambos os discursos - trabalho já detalhado no capítulo 4 - Metodologia. Esta etapa favorece a percepção do universo de valores, regras e conceitos que delineiam, como um todo, um determinado grupo social, em um dado período, ao qual pertencem os discursos. Além disso, possibilita-se, a relação dos discursos de cada autor em um contexto sociocultural no qual os livros de *auto-ajuda* trafegam. Todo esse trabalho inter-discursivo de análise conduz a explicitação dos modelos subjacentes de homem, ou, do que se espera dele na sociedade contemporânea. É importante, também, porque proporciona, uma visão geral, ampla, dos resultados obtidos na primeira etapa - *análise intra-discursos* (Nicolaci-da-Costa, 2006).

Com o intuito de apresentar uma análise de discursos com a maior clareza

possível, para o leitor, faz-se mister trazer de forma bastante objetiva uma organização que facilite a compreensão da interpretação - tarefa da analista de discurso - aqui exposta. Dessa forma, na primeira etapa apresentada - *análise intra-discursos* - traz-se um levantamento descritivo e a análise suportados pelos preceitos do MEDS, bem como, a aplicação da fundamentação teórica - capítulo 2: comunicação e livro de *auto-ajuda*, adotada para suporte aos temas desta dissertação. Na segunda etapa - *análise inter-discursos* - busca-se, em paralelo às comparações sistemáticas e à visão geral dos discursos dos 2 escritores, a aplicação da fundamentação teórica - capítulo 3: o homem na relação homem-mulher, adotada para suporte aos temas explorados nesta dissertação. Assim, a seguir, apresentam-se ambas as etapas de análise de discursos.

5.1. Análises Intra-Discursos

A análise intra-discurso foi realizada na seguinte ordem: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças* (Pease e Pease, 2000) e, em seguida, *Homens são de marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos* (Gray, 1995). Conforme mencionado no item 4 - Metodologia, os dois aspectos distintos da categoria *comunicação* masculina para análise de discurso são: *como o homem fala com a mulher* e *como o homem escuta a mulher*. Será apresentada a análise de discurso com o foco em ambos os aspectos, tendo-se optado por uma escrita mais objetiva, buscando a maior clareza possível atrelada à consistência da explicitação dos discursos. Complementarmente, realiza-se o levantamento dos pressupostos teóricos explicitados pelos dois autores supracitados, em seus discursos. Cada um desses dois aspectos da *comunicação*, em ambos os discursos, encontram-se tratados com variedades de características subjacentes, o que se mostrou relevante ser enfatizado nesta dissertação. Destaca-se, ainda, que, no caso de Gray essa diversidade surgiu com maior detalhamento. Assim, por essas razões, para as análises de discursos de Pease e Pease e de Gray, foram classificadas em cinco (5) e em dez (10) temáticas, respectivamente para Pease e Pease e Gray, o primeiro aspecto da *comunicação* masculina e, ainda, em quatro (4) e em cinco (5) temáticas, respectivamente para Pease e Pease e Gray, o segundo aspecto,

conforme mostrado no quadro abaixo. Por considerar-se significativo preservar a sequência em que as temáticas são abordadas nos discursos dos livros de *auto-ajuda* desses autores, nesta dissertação as análises intra-discursos, desses dois aspectos, são apresentadas obedecendo-se esse critério adotado.

Temáticas para as Análises Intra-Discursos			
PEASE e PEASE (2000)		GRAY (1995)	
Homem Fala	Homem Escuta	Homem Fala	Homem Escuta
Capacidade e habilidade para a fala	Percepção literal na escuta	A 'língua diferente' do homem	Ignorar ou oferecer solução
Consequências das características básicas presentes no estilo de fala	Lidar com os sentimentos	Razões secretas pelas quais os homens discutem	Expressão do sentimento amoroso
O silêncio e a introspecção	Sucesso	Situações em que há disposição masculina para a conversa	Busca de validação e afeto
Lidar com os sentimentos (e, indiretamente, com o sexo)	Busca de validação e afeto	Busca de validação e afeto	Lidar com os sentimentos da mulher
Namoro e casamento		Sucesso	Percepção literal na escuta
		Situações em que os homens falam sobre seus próprios problemas	
		Resistência em pedir ajuda para si mesmo	
		Consequências das características básicas presentes no estilo de fala	
		O silêncio e a introspecção	
		Lidar com os sentimentos (e, indiretamente, com o sexo)	

5.1.1.

Por Que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?

No primeiro livro a ser analisado, de Pease e Pease, são abordadas pelos

autores as comunicações verbal e não-verbal, sendo a maior ênfase dada à primeira delas. O argumento básico é que homens e mulheres são diferentes; nem melhores nem piores - simplesmente diferentes. Na visão dos autores, a relação homem-mulher daria certo se, entre outros fatores, o homem fosse compreendido pela mulher no sentido de que ele não pode ser, e nem se comportar, de modo semelhante a ela. Os autores mostram, então, a relevância da comunicação como ferramenta de entendimento e solução de problemas para uma relação harmônica homem-mulher.

O primeiro aspecto da *comunicação masculina - como o homem fala com a mulher* - é ressaltado nessa perspectiva da compreensão do homem, pela mulher. Pease e Pease recorrem à explicação histórica na época da civilização antiga para fazer referência à falta de diálogo masculina e à comparação com as mulheres no sentido de que os homens não são tão faladores quanto aquelas, sendo sua capacidade verbal inferior à das mulheres, e justificando que pelo fato do homem ter sido, por longos anos, responsável pela caça, não se tornava necessário para ele - como caçadores e não comunicadores, no desenvolvimento desta tarefa, nem ser um bom conversador nem ser um bom observador das emoções de pessoas que estavam ao seu redor. Esse estilo de vida do homem antigo explicaria o fato dele não ter “produzido em seu cérebro regiões importantes dedicadas ao relacionamento interpessoal” (p.38). As menores habilidade e inclinação para a fala e a conversação são contextualizadas, na estrutura do sexo masculino, como sendo derivada de uma diferente maneira de evolução em suas habilidades, portanto, sendo sinalizadas, prioritariamente, como de caráter inato, ou seja, como “aptidões naturais dos cérebros masculinos” (p.63).

A resistência masculina ao diálogo é apontada pelas mulheres (70% das que trabalham fora e 98% das que não trabalham) como a deficiência mais grave em seus parceiros amorosos. Os autores argumentam que essa opinião da mulher contemporânea contrasta com as das mulheres de gerações anteriores, pois a conversa e a atenção à essas mulheres eram sempre garantidas tanto pelas crianças quanto por outras mulheres que co-habitavam na mesma casa.

Especificamente ao modo de falar com a mulher, o homem está retratado como sendo biologicamente programado para “fazer”, sendo, então, essa, “a chave que abre a porta da comunicação” (p.98) com eles, ou seja, a prática de uma atividade com eles.

A “mente literal masculina” (p.76), no tocante à fala com a mulher, está abordada com as seguintes características: o homem usa frases bem estruturadas e curtas, onde está de forma simples, direta, clara e explicitamente expressada uma idéia - com início, meio e conclusão, o que torna muito fácil o entendimento do que se diz. Além disso, o homem emprega um amplo vocabulário, enriquecendo sua fala com fatos, adotando expressões bem definidas como, por exemplo, “absolutamente”, “nenhum” e “nunca” (p.74). A forma masculina de falar com a mulher - direta e objetiva - é valorizada pelos autores em assuntos profissionais. “Esse tipo de fala funciona muito bem, levando a uma comunicação eficiente e afirmando autoridade” (p.74). Entretanto, os autores alertam para a extensão desse modo masculino de falar com a mulher como sendo, em geral, um provocador de conflitos nos relacionamentos com os pares: os homens que adotam essa maneira de falar nos seus relacionamentos pessoais são, em geral, considerados “rudes e agressivos” (p.74). Em geral, os homens não entendem as razões femininas que levaram a esse tipo de interpretação atribuída à fala masculina.

Essa forma de falar com a mulher traz, ao perfil de comunicação masculina, o fato de que o pensamento do homem está sempre canalizado para uma solução, o que demanda o atendimento, à sua necessidade, de atingir o final da frase quando está falando, pois, do contrário, a conversa lhe parece sem rumo. Durante o seu raciocínio e elaboração da fala, o homem ‘passa’ a conversa dentro de sua cabeça, por causa de sua dificuldade em verbalizar. Pease e Pease recorrem aos exames de tomografia cerebral para explicar que enquanto o homem se encontra “calado, quieto, com o olhar perdido, vai dar para ver que conversa consigo mesmo e (...) não gosta de ser interrompido. Como se sabe, não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo” (p.65). É por esse motivo que quando uma mulher pede ao homem ajuda para resolver um problema, ele diz ‘vou pensar’ ou ‘deixa comigo’ e permanece pensando em silêncio, sem qualquer expressão no rosto. Só volta a falar ou demonstrar animação quando encontra a resposta. Os autores sugerem a compreensão do homem, pela mulher, no sentido dessa necessidade de silêncio do homem, já que “o homem evoluiu com três responsabilidades: guerrear, proteger e resolver problemas (...) e, ainda, tendo em vista que a orientação de seu cérebro e o condicionamento social o impedem de demonstrar medo ou dúvida” (p.64).

Lidar com problemas é algo que provoca nos homens uma certa introspecção, o que, segundo os autores, é motivo de desentendimento com a

mulher. “O homem é caçador: ele tem objetivo determinado e prazo certo” (p.99). Assim, nos momentos de crise, o homem precisa pensar, e para isso, ele busca ficar sozinho, em paz, para, posteriormente, conseguir falar a respeito do problema. Muitas vezes, nesse processo de ‘pensar’, o homem se sente “igual a um zumbi na frente da televisão e fica clicando o controle sem se deter em nenhum programa e provavelmente nem vê o que se passa na tela” (p.97) enquanto pensa. Durante este comportamento do homem, ele apresentará resistência, à demanda da mulher, em conversar sobre os problemas, uma vez que a demanda dela é tomada como uma acusação de incompetência (ele necessita resolver sozinho os problemas) e uma crítica (ele tem necessidade de ser amado e validado pela mulher).

Os resultados de exames de ressonância magnética também são adotados como argumentos pelos autores para esclarecer que a emoção, no homem, está localizada no seu hemisfério direito, o que possibilita ao sexo masculino operar outras funções cerebrais de forma independente. Assim, é possível ao homem, quando fala com a mulher, argumentar com lógica, manejando as palavras (hemisfério esquerdo), sem se envolver emocionalmente na discussão, como se a emoção ficasse “confinada em um pequeno compartimento individual”. Pease e Pease apontam que o homem “carrega a incapacidade” (p.88) de fazer mais de uma coisa de cada vez, e que “todos os estudos pesquisados confirmam: o cérebro masculino é especializado, compartimentado, configurado para se concentrar em uma atividade específica” (p.45). Apesar de ser raro, pode ocorrer ao homem se emocionar durante uma conversa, mas, nessas situações, ele simplesmente se recusa a continuar e muda de assunto. Dessa forma, ele não se expõe ao risco de descontrole. A dificuldade masculina em lidar com a sensação negativa, de um suposto desequilíbrio emocional, é afirmada pelos autores quando sinalizam que o homem busca uma rota de fuga - por meio da mudança de assunto.

Há dificuldade dos homens em dizer ‘eu te amo’. A atração, a paixão e o amor são sentimentos que se confundem na percepção masculina que não consegue muito bem diferenciá-los quando das suas vivências. Por este motivo, as declarações de amor - do tipo ‘eu te amo’ - de um homem a uma mulher são raras, pois eles associam a verbalização do sentimento de amor a um relacionamento de longo prazo, podendo significar um compromisso para a vida toda. Na visão masculina, em sua maioria, pronunciar a palavra ‘amor’ à sua parceira estaria associado à privação de atividades do tipo “entrar em uma banheira cheia de

lindas mulheres nuas” (p.159). A relutância dos homens, no tocante às verbalizações sobre o amor, em relação à sua parceira, aparece suavizada quando associada ao sexo com ela.

Anteriormente à análise intra-discurso que envolve o assunto do amor associado ao sexo, vale tratar das diversas nomenclaturas adotadas por outros autores para essa palavra. Além da referência ao termo *sexo* (Gratch, 2001; Masters et al., 1975; Masters et al., 1997; Masters e Johnson, 1988; Jablonski, 1989; Chalar-Silva, 1989; Madanes, 1997; Suplicy, 2000; Féres-Carneiro, 2001; Abdo, 2004), encontram-se também outros termos: *atividade sexual/sexual activity* (Masters e Johnson, 1979; Féres-Carneiro, 1987, 1998, 2001; Chalar-Silva, 1989; Giddens, 1993; Abdo, 2004; Birnbaum et al., 2001¹), *relação sexual* (Jablonski, 2001, 1989; Magalhães, 1993; Féres-Carneiro, 2001, 1987; Levin, 1975; Masters et al., 1975; Masters e Johnson, 1979; Chalar-Silva, 1989; Abdo, 2004; Tavares, 2005; Kaplan, 1990), *relacionamento sexual/sexual relationship* (Féres-Carneiro, 1987, 1997, 1998; L’Abate e Talmadge, 1987²; Giddens, 1993), *fazer sexo* (Chalar-Silva, 1989; Giddens, 1993; Abdo, 2004), *interação sexual/sexual interaction* (Masters et al., 1997; Madanes, 1997. L’Abate e Talmadge, 1987³), *intercurso sexual/sexual intercourse* (Madas, 1997; L’Abate e Talmadge, 1987⁴; Birnbaum et al., 2001⁵; Gillmore et al., 2001⁶), *ato sexual* (Gratch, 2001; Masters et al., 1975; Abdo, 2004; Kaplan, 1990), *prática sexual* (Chalar-Silva, 1989), *vida sexual* (Jablonski, 1998; Madanes, 1997; Magalhães, 1993) e *enlace sexual* (Masters et al., 1975).

Como o termo *sexo* aparece com maior frequência no discurso de Pease e Pease e em função desse termo também ser usado pelos autores pesquisados, então o mesmo foi adotado para esta dissertação. Assim, para um melhor esclarecimento, cabe ressaltar que se toma o termo *sexo* como algo que acontece entre duas pessoas, praticado conjuntamente, uma íntima forma de relacionamento entre o casal, cuja finalidade seja o prazer através do(s) corpo(s) (Masters et al., 1975; L’Abate e Talmadge, 1987⁷).

¹ Tradução pessoal.

² Tradução pessoal.

³ Tradução pessoal.

⁴ Tradução pessoal.

⁵ Tradução pessoal.

⁶ Tradução pessoal.

⁷ Tradução pessoal.

Pease e Pease, contudo, alertam que o sexo tem sido motivo de atrito e discussão na relação homem-mulher e ressaltam que o diálogo franco deve ser um instrumento presente para lidar com essa temática, principalmente, com referência ao aspecto do desejo sexual. Os autores discutem, recorrentemente, sobre o ‘coquetel de hormônios’ - principalmente a testosterona - comandado pelo cérebro, que impulsiona sexualmente o homem, em maior intensidade que as mulheres, justificando assim “a entusiástica e impulsiva disposição do homem para o sexo, que tem uma finalidade clara: assegurar a continuidade da espécie humana”. (p.126). “Sem um freio, os homens, em sua maioria, mergulhariam em um poço sem fundo de transas uma atrás da outra, para garantir a sobrevivência da espécie” (p.135). Esclarecem, ainda, que a testosterona, no organismo masculino, vem em ondas de cinco a sete vezes durante o dia, e que o nível é mais elevado na parte da manhã - “exatamente antes de sair para caçar (...) - e mais baixo à noite - quando ele fica olhando o fogo” (p.132).

“Não há alternativa: apesar de sexo ser um assunto quase tabu entre homem e mulher quando se trata de sua própria relação sexual, é absolutamente necessário conversar a respeito com a maior abertura e honestidade. Só assim, será possível construir uma relação gratificante para os dois” (p.148).

Devido à dificuldade masculina em verbalizar os sentimentos de amor (ordem sociocultural), os autores afirmam que há maior necessidade de sexo pelo homem, que o usa como expressão emocional. O desejo sexual, superior ao das mulheres, é comandado pela maior quantidade do hormônio testosterona (ordem biológica). Na visão de Pease e Pease, “homem quer sexo, mulher quer amor” (p.143), mas apesar disso já ser sabido há muito tempo, raramente se fala sobre o assunto, mesmo sendo esta temática uma das mais fundamentais razões de insatisfação e discussão entre homens e mulheres. Entretanto, apesar desse tradicional conhecimento sobre o que o homem quer, há de se considerar também que no mundo masculino, historicamente, “não havia lugar para a sensibilidade, a comunicação e os sentimentos” (p.143) e que, por esse contexto, o homem não quer só o sexo, mas também deseja o amor de uma mulher; entretanto, é somente através da relação sexual plena que o “seu lado mais delicado, feminino, aparece” (p.144) e ele, então, se sente mais à vontade para chegar até esse amor de uma mulher.

Finalmente, o homem cujo estado civil seja ‘casado’ recebe um comentário à parte quando se trata da conversação com a sua esposa, como exposto no trecho

a seguir:

“Depois de casado, o homem sabe tudo sobre sua mulher. Então, para que conversar? (...) Durante o namoro, ele conversa bastante, colhe informações - fatos e dados sobre a namorada - e fala sobre si mesmo. Depois de casado, acha que já sabe tudo o que precisava saber e não vê necessidade de muito papo” (p.168).

O segundo aspecto da comunicação masculina - *como o homem escuta a mulher*, na perspectiva de Pease e Pease - é apresentado a seguir, pela análise intra-discurso.

Os autores defendem que detalhes não são percebidos pelos homens e que o cérebro masculino não se encontra preparado nem para ver nem para ouvir detalhes. Essa característica o diferencia, essencialmente, da mulher, pois quando, na conversação, o homem escuta a mulher - que fala com riqueza de detalhes e sem estabelecer prioridades - ele se sente atacado por uma lista de tarefas ou problemas a resolver. Pelo fato de ter evoluído “com três responsabilidades: guerrear, proteger e resolver problemas” (p.64), o homem fica intranquilo e ansioso tentando dar uma organização para tudo aquilo que está escutando da mulher, já que ele interpreta a tagarelice da mulher como um pedido de solução. Assim, ele - com seu “cérebro analítico” (p.68) interrompe a fala da mulher e oferece uma solução. Pease e Pease afirmam que os homens têm dificuldade em ouvir a mulher porque o modo de falar feminino apresenta-se com pouca objetividade, vários pensamentos e idéias são apresentados de forma misturada, simultânea e com pouca clareza para o homem, mudando de curso a todo instante, o que deixa o homem bastante confuso e desorientado, com dificuldade em seguir o raciocínio dela, se perdendo na escuta e se desinteressando em ouvi-la.

A incompreensão sentida pela mulher, quando o homem a escuta e a interrompe com a possível solução, provoca nela a necessidade de interrompê-lo também para impressioná-lo e demonstrar interesse na fala dele, contudo, essa contribuição feminina não agrada o homem - que se perde no seu próprio raciocínio, além de não gostar de ser interrompido. Ao redor de todo o mundo, existem homens que reclamam que as mulheres falam em excesso. “‘Pare de me interromper!’ - em cada canto do mundo, em todas as línguas, há um homem dizendo isso para uma mulher” (p.71).

Um outro ponto sinalizado pelos autores, em relação à escuta do homem, refere-se ao fato de que os homens têm dificuldade em acompanhar um raciocínio indireto e, muitas vezes, acabam ignorando o que poderia ser uma boa idéia ou

proposta. Assim, os homens, irritadamente, reclamam que as mulheres não vão “direto ao ponto!” (p.73) e que usam a fala de forma indireta. Explicam, também, que se houver apelo à estrutura lógica do cérebro masculino - perceber o que é dito literalmente - então, provoca-se no homem a sensação de que ele é apreciado e, portanto, deseja oferecer a solução. Diferentemente, quando o homem escuta a mulher, sem que ele seja avisado antecipadamente sobre o desejo da mulher em conversar com ele, e sem que seja oferecida a ele uma pauta organizada da fala (informando a ele sobre o que se quer falar e quando), ocorre nele o pensamento de que aquela fala dela é uma reclamação contra ele e, então, ele entra na defensiva.

O homem está sendo retratado, sob o aspecto da comunicação, como alguém que não sabe lidar com a comunicação mais complexa, admitindo como verdade cada palavra que ouve, definindo as palavras que escuta e respondendo de acordo, o que se torna um fator provocador de disputa entre os membros do par, até ao ponto em que a mulher se recuse a falar ou ele ignore a comunicação e vá embora. Os dois trechos a seguir ressaltam os aspectos literais da comunicação masculina na forma de ouvir a mulher:

1º) “O homem define as palavras dela. (...) Se ela falar que ‘morreria se chegasse a uma festa e encontrasse outra vestida com uma roupa igual’ (...) a mente literal masculina vai produzir uma resposta do tipo ‘você está exagerando, há coisas piores’, o que parece à mulher pura ironia” (p.76-77); e

2º) “Com um homem, a fala indireta pode ser terrível. O homem percebe o que é dito literalmente (...). A mulher, mestra em fazer rodeios, usa e abusa de ‘pode’ e ‘poderia’ nas perguntas (...). O homem interpreta tudo ao pé da letra e, quando ouve ‘Você pode trocar a lâmpada queimada?’, corre o risco de entender que talvez você venha a precisar de sua ajuda. Para levar um homem à ação, substitua o ‘pode’ ou ‘poderia’ por ‘vai’. ‘Você vai me ligar esta noite?’, por exemplo, envolve um compromisso, e o homem tem que responder ‘sim’ ou ‘não’” (p.75).

Os autores abordam, ainda, a temática da expressão da emoção masculina, que perpassa também a forma do homem ouvir a mulher, e nesse caso, Pease e Pease resgatam os tempos de ‘guerreiro’ e explicam que

“o objetivo biológico do guerreiro era ouvir impassível, sem demonstrar emoção. Por isso, apesar de experimentar os mesmos sentimentos, dificilmente alguém conseguirá percebê-los em sua expressão fisionômica” (p.77).

As tomografias cerebrais computadorizadas apóiam os argumentos dos autores, que citam-nas como o atestado de que o homem não é insensível - apesar da máscara de impassividade enquanto ouvem -, pois se emociona tanto quanto a mulher, contudo, não se permite demonstrar, garantindo, assim, a função de criar

a sensação de poder como se fossem donos da situação.

A necessidade de transparecer sucesso, poder, controle da situação, enquanto escuta a mulher, é característica dos homens, pois ele passou “um milhão de anos” (p.96) marcado pela necessidade de não querer ser visto como um perdedor, um fracassado ou dar a impressão de que está errado, afinal de contas, não se pode esquecer que há um “instinto protetor encontrado em quase todos os homens” (p.78). Por essas razões é muito difícil para um homem ouvir a mulher quando o que ela fala é interpretado por ele como um sinal de fraqueza. “Até um livro de *auto-ajuda* como presente de aniversário pode ser interpretado como ‘Você não é grande coisa’” (p.96). Nesse contexto, pode-se mencionar, a título de ilustração, que para o homem, a expressão da emoção masculina é um sinal de fraqueza, portanto, de insucesso. O homem detesta estar errado, pois acredita que, dessa forma, perderá o amor de sua mulher.

Em resumo, a análise *intra-discurso* da obra de Pease e Pease, no primeiro aspecto da *comunicação*, na sua primeira temática - capacidade e habilidade para a fala - o homem está sendo retratado com características inatas biológicas devido à estrutura de evolução de seu cérebro. Portanto, o comportamento masculino apresenta-se justificado pela sua estrutura de funcionamento organicamente programada pela própria natureza. Entretanto, Pease e Pease citam, em seu discurso, de modo bastante discreto, que a capacidade e habilidade verbal masculina estão associadas, e também explicadas, pelo estilo de vida antigo do homem. Logo, fica assim caracterizada uma certa ambigüidade, onde os autores tratam da capacidade e habilidade verbal masculina, ora como decorrência de sua estrutura orgânica, ora como herança de seu aprendizado pelos costumes e hábitos da época antiga. Adicionalmente, os autores trazem a opinião feminina contemporânea, com relação à resistência masculina ao diálogo, de forma comparativa à opinião de mulheres de épocas antigas, sem, entretanto, fundamentarem-se explicitamente quanto à essas últimas supostas opiniões como objeto de pesquisas acadêmicas no contexto da relação homem-mulher.

Com referência à segunda temática - consequências das características básicas presentes no estilo masculino de fala - observa-se que os autores intitulam a mente masculina como “literal” e funcionando verbalmente de modo “objetivo e direto”, sendo todos esses atributos biologicamente programados e associados a um perfil de pessoa assertiva e autoritária. Ao mesmo tempo, em contradição, os

autores afirmam que esse modo de falar é “adotado”, para os casos de uma comunicação com a mulher (portanto, adquirido, e não inato) pelos homens, e pode ser interpretado como uma grosseria masculina. Os autores mostram um discurso contraditório, ainda, ao mencionarem que o homem, pelo seu vasto vocabulário, melhoram e aumentam sua fala com fatos; ao mesmo tempo que citam a pouca inclinação masculina para a conversação.

A terceira temática - o silêncio e a introspecção - ressalta a programação biológica do homem para “fazer” e “solucionar”, sendo a sua forma - introspectiva - de raciocinar e elaborar a fala, evidenciada pelas tomografias cerebrais. Em oposição aos seus próprios argumentos, os autores mencionam, também, o “condicionamento social” como justificativa para o homem permanecer em silêncio e sem “qualquer expressão no rosto”, pensando, quando lhe é solicitada a resolução de um problema.

Outro ponto contraditório a ser ressaltado é que os autores destacam que o homem é incapaz de realizar mais de uma tarefa simultaneamente, e, por outro lado, os autores exemplificam que, no processo de “pensar”, o homem pode, simultaneamente, ocupar-se de outra tarefa como, por exemplo, clicar o controle remoto, sentando-se à frente da televisão.

Lidar com os sentimentos (e, indiretamente, com o sexo), aparece como a quarta temática na forma do homem falar com a mulher. Apoiando-se nos recursos de ressonâncias magnéticas, os autores esclarecem que o homem está estruturado biologicamente, em seu cérebro, para argumentar com a mulher “sem se envolver emocionalmente”. Em outras palavras, o homem ou fala ou sente, já que é capacitado, pela sua própria natureza biológica, para concentrar-se em apenas uma atividade de cada vez.

Contrariando-se, em seus próprios discursos, Pease e Pease ressaltam que o homem sente medo de se “descontrolar” numa discussão com a mulher, e que, por esse motivo, ele, quando se emociona ao falar, acaba recorrendo a comportamentos de fuga, tais como negar-se a continuar a conversa ou buscar a iniciação de um assunto diferente do que está em pauta. Assim, as afirmações dos autores, quanto ao homem lidar com uma sensação negativa - descontrole, são simultaneamente justificadas pela anatomia cerebral e pelo medo de não parecer, no contexto social, como uma pessoa firme, forte e controlada.

A declaração masculina de amor aparece caracterizada, nesse discurso,

como um perigo à liberdade do homem, que não deseja ser privado de poder buscar relacionamentos sem compromisso, bem como, de ter sexo com várias mulheres que estejam à sua disposição. Nesse contexto, o amor por uma mulher está associado à exclusividade sexual com ela, e o sexo, para o homem, está associado à uma “impulsiva disposição” (comandada pela estrutura de seu cérebro), com a finalidade de “manutenção da espécie humana”. Logo em seguida aos argumentos de ordem orgânica, os autores orientam, contraditoriamente, que a maior necessidade de sexo, no homem, aparece devido à sua dificuldade em declarar o seu amor pela mulher (questão de ordem sociocultural). Finalmente, no mesmo discurso, Pease e Pease afirmam que “homem quer sexo, mulher quer amor” e, logo em seguida, se contradizem, afirmando, ainda, que “o homem não quer só sexo, mas também quer o amor de uma mulher”.

Na quinta e última temática - namoro e casamento - a comunicação masculina é tratada de forma simplista e, mais uma vez, contraditória, pois, por um lado, os autores defendem que para a construção de um relacionamento satisfatório, a comunicação entre os membros do par torna-se um instrumento imprescindível e, por outro lado, alegam em seus discursos que após o casamento, o homem já não se interessa mais em conversar com sua mulher.

Em resumo, na análise *intra-discurso* da obra de Pease e Pease, no segundo aspecto da *comunicação*, a sua primeira temática - percepção literal na escuta - é apresentada com expressões inovadoras, tais como “cérebro analítico”, “pare de me interromper!”, “dificuldade em acompanhar um raciocínio indireto”, “vão direto ao ponto”, “estrutura lógica do cérebro masculino”, “percebe o que é dito literalmente”, “define as palavras dela”, “mente literal masculina” e “interpreta tudo ao pé da letra”. Esses atributos associados à forma masculina de escutar a mulher são justificados pela estrutura cerebral do homem.

Por essa característica de ordem orgânica, o homem sente-se “atacado” e angustiado ao ouvir a mulher, pois interpreta a fala dela como uma lista de atividades ou problemas a serem resolvidos por ele. Os autores atribuem a ansiedade masculina ao ouvir (e entrar em contato) o estilo pouco objetivo e desorganizado nas idéias expostas pela mulher (e não à forma de interpretação masculina em si). Ao mesmo tempo, no discurso de Pease e Pease, observa-se a afirmação de que o homem “evoluiu” com as responsabilidades de “resolver problemas, proteger e guerrear”. Assim, poder-se-ia pensar que, uma vez que, há

milhares de anos o homem está evoluído organicamente para essas três tarefas, então não deveria, a princípio, apresentar o comportamento de sentir-se nervoso diante de sua própria interpretação a um pedido, pela mulher, de solução de problema - já que essa é a sua “especialidade biológica”. Marca-se, de certa forma, um traço de contradição nos argumentos dos autores.

A segunda temática - lidar com os seus próprios sentimentos enquanto escuta a mulher - é trazida no discurso de Pease e Pease com a ambigüidade entre o “objetivo biológico de não demonstrar emoção” - comprovado pelas tomografias cerebrais - e a necessidade masculina de uma “máscara de impassividade na escuta” com o objetivo de mostrar poder e autocontrole - atributos considerados, em nossa sociedade, como de ordem caracteristicamente sociocultural. Já foi dito pelos autores que o sexo masculino, devido à anatomia de seu cérebro, consegue não se envolver emocionalmente numa discussão com a mulher, como se a emoção ficasse “confinada em um compartimento” - o hemisfério cerebral direito - agindo de forma independente. Assim, fica claro o aspecto contraditório no discurso de Pease e Pease, no tocante ao objetivo “biológico” (inato) de esconder a emoção versus o objetivo de “criar” (portanto, adquirir) a sensação de poder.

A terceira e quarta temáticas - sucesso, e busca de validação e afeto - são abordadas sob a forma de *causa e efeito* num contexto sociocultural, bem como, sob a forma de “instinto masculino” num contexto biológico evolutivo. Marca-se, dessa maneira, em ambas as temáticas, um contraste, de certa forma implícito, no discurso de Pease e Pease, que, a princípio, apresentam para o leitor apenas a base biológica como fundadora de seus valores e argumentos.

Finalmente, há de se ressaltar, ainda, nessa análise intra-discurso, o argumento *fatal* dos autores quando citam que um livro do gênero *auto-ajuda* pode ser interpretado, pelo homem, como um atestado de perdedor. Esse argumento pode ser considerado, talvez, como uma invalidação aos argumentos iniciais no livro, quando os autores referem-se à própria obra literária como “um instrumento de diálogo (...) importante para estabelecer uma relação harmoniosa e sermos felizes em nossos relacionamentos com o outro sexo” (p.1).

O terceiro tópico a ser abordado trata dos pressupostos teóricos explicitados por Pease e Pease em seus discursos.

Pelo discurso de *Por que os homens fazem sexo...*, homens e mulheres

tiveram evoluções diferenciadas - em suas estruturas físicas e mentais - porque “tinha de ser assim” (p.12-14). O homem está retratado como melhor preparado para “perseguir e abater a caça, encontrar o caminho de volta para casa, olhar o fogo e procriar” (p.178). Cabe ao homem moderno, conhecer suas “necessidades biológicas” para poder, assim, evitar que seja “incinerado por fazer o que lhe parece natural”, já que o mundo do passado não é igual ao de hoje, além do fato de que algo “ser instintivo ou natural não quer dizer que seja bom” (p.135).

São abordadas, em seus discursos, com maior ênfase, as razões das diferenças entre homens e mulheres, atribuindo os hormônios e o cérebro (circuitos cerebrais) como os maiores responsáveis pelas nossas “atitudes, preferências e comportamentos”, estando a maneira de pensar e o nosso comportamento já definidos “muito antes de nascermos” (p.12-14). O caráter afirmativo e assertivo dos autores para sinalizarem o aspecto de ordem biológica pode ser observado nos seguintes trechos: “no homem existe a necessidade biológica de ser o provedor” (p.95), “o homem valoriza os objetos (...). A estrutura do cérebro ditou as preferências” (p.93) e

“durante a maior parte do século XX, essas diferenças foram explicadas pelo condicionamento social, ou seja: somos como somos por causa das atitudes de nossos pais e professores, que, por sua vez, refletem as atitudes da sociedade em que vivem (...). Recentes estudos de biologia mostram (...) que, ainda que criados em uma ilha deserta, sem uma sociedade organizada ou pais que os influenciassem, meninos competiriam física e mentalmente entre eles” (p.13).

Esses argumentos são respaldados, ainda, quando Pease e Pease mencionam que “cientistas de toda parte têm apresentado sólidas evidências de que a bioquímica é responsável, ainda no útero, pelo direcionamento da estrutura do cérebro e, como consequência, das nossas preferências” (p. 178). Dentre as diversas temáticas explicitadas pelos autores, os argumentos adotados por eles, para tratar sobre as diferenças entre homens e mulheres, são fundamentados em pesquisas nas áreas médica, psicológica, sociológica e antropológica. A fonte do material também está localizada em estudos recentes da Biologia Evolutiva, em cientistas de toda parte e em “renomados paleontólogos, etnólogos, psicólogos, biólogos e neurocientistas” (p.14-15).

O australiano Allan Pease é psicólogo, e sua esposa, Barbara Pease, é especializada em comportamento e capacitação profissional, sendo ambos consultores organizacionais e apresentadores de um seriado de televisão sobre linguagem corporal (Pease, Allan e Bárbara, 2006; Contact Information and Order

Form, 2006⁸; Allan e Bárbara Pease, 2006; About Allan Pease, 2006⁹). Talvez por sua formação em psicologia, Allan Pease tenha recorrido, em alguns de seus argumentos, à importância da necessidade de reconhecimento de uma abordagem não apenas de correntes teóricas biológicas, mas também aquelas de ordem sociocultural. Entretanto, o foco sociocultural encontra-se explicitado de maneira muito discreta em seu discurso. Isso pode ser constatado em raros trechos, tais como:

“O homem moderno ainda carrega, como herança genética, a obrigação de ser valente e não demonstrar fraqueza; o homem é por natureza desconfiado, competitivo, fechado, defensivo, um solitário que esconde as emoções para manter o controle. Demonstrar emoção é perder o controle. O condicionamento social reforça esse comportamento quando ensina ‘seja homem’, ‘faz cara de mau’ e ‘homem não chora’” (Pease e Pease, 2000, p.97), ou,

“A maior parte dos homens (...) se confunde na hora de definir suas atividades. Você faz parte da primeira geração a ter de encarar situações que seus antepassados nunca conheceram (...). Então, quais são as novas regras? (...) Este livro tenta dar algumas respostas” (p.18).

Nota-se, ainda, que provavelmente por essas trajetórias profissionais, os autores tenham adotado, em seus discursos, um estilo mais intrigante e polêmico, para abordar a *comunicação* masculina na relação homem-mulher.

Para uma finalização dessa análise apresentada, é importante ressaltar que a *comunicação* entre os membros de um casal destaca-se como um instrumento de interação, de convivência, uma forma de vínculo, fazendo parte do cotidiano das pessoas (Figueredo, 2006; Barbosa e Rabaça, 2001; Sodré, 2001; Ferreira, 1986). As variadas mudanças contemporâneas no contexto sociocultural têm apresentado reflexos também na *comunicação* entre os membros dos pares. Dentre as mudanças, cita-se o aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa, dentre eles, a literatura de massa - como, por exemplo, os livros *bestsellers* de *auto-ajuda* (Sodré, 1978, Tortel, 1970). Como resultado de uma necessidade psicossocial dos casais - que se faz presente na sociedade atual -, de orientação quanto à condução de seus relacionamentos afetivo-sexuais, surge nesse contexto, a produção de saberes especializados, que veiculam-se por meio de seus criadores - os ditos especialistas, ou seja, os comunicadores/argumentadores com credibilidade no mercado editorial (Pontes, 1978). Nessa perspectiva, esse gênero de literatura pode estar funcionando como um recurso tomado (pelo homem, pela mulher ou

⁸ Tradução pessoal.

⁹ Tradução pessoal.

pelo casal - como unidade) como aliado, ou até em substituição, à busca de um trabalho clínico psicoterapêutico. Vale comentar que Pease e Pease destacam-se internacionalmente, nas temáticas de relacionamento humano e linguagem corporal; suas obras foram traduzidas para mais de 30 idiomas, com mais de 11 milhões de livros vendidos - 300.000 livros vendidos no Brasil (Allan e Bárbara Pease, 2006; Sextante, 2006; Pease e Pease, 2000). Os objetivos dos escritores desse nicho editorial - especificamente *auto-ajuda* para casais - não são apenas os lucros, mas também estipular valores, normas, prescrever regras e modos de viver satisfatoriamente e/ou de solucionar os problemas supostamente vivenciados, tanto por homens quanto por mulheres em suas relações. Para alcançar essas metas, os escritores - na função de comunicadores/argumentadores -, de forma geral, recorrem a variados recursos para a elaboração de seus discursos de convencimento ou persuasão como, por exemplo, as técnicas de argumentação (Rocha, 1995, Pessanha, 1989). Nesse contexto, os argumentadores pressupõem, para a influência ao leitor, que o mesmo já traz consigo um quadro de valores pessoais. É a partir dessa pressuposição com referência ao leitor, bem como, guiando-se pelas suas próprias normas e crenças pessoais como indivíduo, que os argumentadores pautarão os seus discursos.

Especificamente para o caso dos argumentadores Pease e Pease, diante da análise das temáticas expostas, bem como, do levantamento dos pressupostos teóricos explicitados pelos autores, o discurso sobre a *comunicação* masculina com a mulher - falar e escutar - apresenta-se com alguns conflitos internos, o que, talvez, possa ser justificado como uma técnica adotada pelos autores para refletir/espelhar os conflitos internos vivenciados, na contemporaneidade, pelos leitores, alcançando assim uma certa identificação do leitor com o discurso literário disponibilizado.

Outro aspecto na habilidade de sedução ao leitor aparece contextualizado pelo uso de argumentos em nome de provas supostamente científicas, sendo essa uma forma praticamente inquestionável e merecedora da confiança pelo leitor, e dando evidências de um discurso legitimado pela ciência. Outra estratégia para o convencimento é a exposição por uma forma cômica dos argumentos - o recurso do humor e exageros risíveis, como pode ser exemplificada nos trechos:

“No dia dos namorados, os floristas aconselham os homens a declarar com flores o seu amor, porque sabem que seria difícil expressá-lo com palavras. Comprar um

cartão não é problema para um homem. Problema é escrever alguma coisa nele. Os homens costumam escolher cartões com mensagens bem longas. Assim, sobra menos espaço para escreverem” (Pease e Pease, 2000, p.62).

Mais adiante, os autores repetem a fala de um comediante: “Disse um comediante: ‘Fiquei seis meses sem falar com a minha mulher. Só para não interrompê-la’” (p.66). Destaca-se, ainda, a apresentação, em diversos trechos do discurso, do estilo pessoal de Allan Pease - a figura masculina - de *comunicação* com sua esposa, Barbara Pease - co-autora no livro, colocando-se ao leitor, portanto, como exemplo vivo de sucesso no relacionamento de casal.

Podem-se notar, como exemplo de habilidade para a argumentação e convencimento, três estratégias significativas utilizadas para o lançamento do livro, no mercado brasileiro: o uso de um título com apelo sexual, quando da tradução para a língua portuguesa; a inclusão, na capa do livro, da figura de um casal na cama; e a escolha do slogan *Não vá para a cama sem ele* para circulação em *busdoor* externo (propaganda por adesivo de vinil aplicado na parte superior da traseira de ônibus). Ressalta-se, sobre essas questões, que no Brasil fez-se uma abordagem diferente das realizadas em outros países como, por exemplo, Austrália, EUA e Inglaterra.

A primeira estratégia - tradução do título: o título original do livro é *Why men don't listen and women can't read maps: how we're different and what to do about it*, o que numa tradução literal significaria *Por que os homens não escutam com atenção e as mulheres não conseguem ler mapas: como somos diferentes e o que fazer para lidar com isso*. No entanto, no Brasil, o título original foi traduzido para *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*. Pode-se considerar que, a ênfase nos aspectos da afetividade e da sexualidade, provavelmente, deve-se ao fato de serem temáticas lucrativas para o mercado editorial brasileiro e por atraírem a atenção do público em geral. Vale ressaltar, ainda, que apesar da expressão *os homens não escutam com atenção* ser atraente para o leitor, o mesmo, talvez, não ocorra com *as mulheres não conseguem ler mapas*. Acredita-se que a leitura de mapas seja foco de atenção apenas no contexto cultural da Austrália (terra natal dos autores do livro). Em outras palavras, essa diferenciação no título seria de âmbito cultural, mas, mesmo assim, observa-se que há uma ênfase no aspecto afetivo-sexual.

A segunda estratégia - inclusão da figura de um casal na cama (Figura 1): a capa do livro australiano (Figura 2) traz apenas o texto do título, sendo ressaltada através de letras maiúsculas, uma parte específica - “Why Men DON’T LISTEN”. Ou seja, o homem recebe maior destaque que a mulher, nesta capa do livro. A estratégia do mercado brasileiro, não só vai ao encontro das palavras de Pfromm Netto (1972), que aponta a imagem como uma questão de significado e, na maior parte das vezes, de significado emocional ou conotativo, como também, está em conformidade com o ditado na área de comunicação - “uma imagem vale mais que mil palavras”. A título de curiosidade, menciona-se aqui o recurso da figura, ainda que com outras ênfases, também para as capas do mercado americano e britânico (Figuras 3 e 4).

A terceira e última estratégia - a escolha do slogan - *Não vá para a cama sem ele* - de certa forma, deixa transparecer que o intuito na mensagem de lançamento foi apresentar o livro como um guia voltado exclusivamente para sexo na relação homem-mulher, o que, na realidade, não traduz a realidade do discurso apresentado pelos autores. Nessa estratégia, destaca-se também o recurso de *busdoor* externo para divulgação do livro. De acordo com uma agência de comunicação (A13, 2006), o *busdoor* constitui-se como uma das mídias mais eficientes entre as existentes no mercado publicitário, oferecendo índices de *recall* (lembração) superiores até mesmo aos da televisão.

A habilidade de persuasão de um comunicador, provocando o convencimento ou concordância, leva o leitor a aceitar ou acreditar, decidir-se a fazer algo, induzir-se, adquirir certeza e se dispor a fazer algo como, por exemplo, a pensar e a se comportar de determinada maneira. No caso em questão, a comprar o livro pelos argumentos utilizados. Ao que tudo indica, essas foram significativas estratégias de persuasão para a venda do livro. Embora essas estratégias de lançamento, no mercado brasileiro, não sejam um discurso de criação de Pease e Pease, elas são incorporadas como um produto final - livro -, e, portanto, incorporadas ao discurso oferecido ao leitor (chamando a atenção desse porque traz valores, princípios e crenças da sociedade brasileira).

Acredita-se, assim, que todas essas características a respeito do lançamento do livro, e do discurso dos argumentadores, contribuíram, em parcela significativa, para a conquista do primeiro lugar, por cinco (5) anos consecutivos pelo menos, no Rio de Janeiro, no posto dos mais vendidos títulos de *auto-ajuda*

para a relação homem-mulher; além do seu destaque em alta vendagem também no mercado internacional. Há de se considerar, ainda, que os consecutivos lançamentos, no mercado brasileiro, de novas obras direcionadas para o mesmo público alvo, escritas por esses autores, demarcam os seus percursos no mercado editorial voltado para a relação homem-mulher. Terem 5 livros¹⁰ publicados, durante o período de doze (12) anos, pode indicar um investimento das editoras nesse nicho de mercado, assim como, das livrarias, pela constante exposição de títulos desse gênero literário. Todos esses fatores supracitados, de alguma forma, também contribuem para o aumento da credibilidade, do leitor, em relação ao escritor e aos seus argumentos.

Esse conjunto de questões abordadas (*comunicação* entre homem e mulher, *comunicação de massa*, *literatura de massa*, *mercado editorial*, *necessidade contemporânea psicossocial dos casais*, *especialistas*, e *técnicas e argumentadores de forma geral*), desenvolvido na análise intra-discurso da obra de Pease e Pease, é válido também para a análise intra-discurso da obra de Gray (1995), que será, a seguir, apresentada.

Os dois (2) aspectos já discutidos anteriormente, em *Por que os homens fazem sexo...*, tratam dos pontos previstos na introdução deste capítulo; para uma análise posterior - Inter-Discursos -, faz-se necessária a análise Intra-Discurso do segundo livro proposto.

5.1.2.

Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus

O segundo livro a ser analisado é *Homens são de marte...*, de Gray. É abordada com bastante ênfase, riqueza de argumentos e de detalhes, a comunicação verbal entre os membros do par. O argumento básico é que homens e mulheres são completamente diferentes, e que essas diferenças abrangem todas as áreas de suas vidas - a comunicação, o pensamento, o sentimento, a percepção, a reação, a resposta, o amor, a necessidade, a apreciação; “eles quase parecem ser de planetas diferentes, falando línguas diferentes e necessitando de diferentes nutrientes” (p.15). O título do livro - *Marte e Vênus* - tem também sua

¹⁰ Obras de Pease e Pease traduzidas para o português (Brasil): *Será que a gente combina? Descubra se seu amor vai dar certo* (2006), *Como conquistar as pessoas: dicas para você ampliar suas relações e criar laços mais gratificantes* (2006), *Desvendando os segredos da linguagem*

fundamentação explicitada nesses argumentos.

O primeiro aspecto da *comunicação* masculina - *como o homem fala com a mulher* - é apresentado a seguir. A ‘língua diferente’ do homem - o marciano - é apresentada por Gray quando retrata a comunicação masculina, como um atributo “inato” (p.104) e natural, sendo esta uma de suas diferenças em relação à mulher - a venusiana. Na visão de Gray, a compreensão pela mulher, no tocante à maneira peculiar do homem se comunicar com ela, torna-se um ingrediente imprescindível na redução de conflitos no relacionamento amoroso, bem como, cria um ambiente de mais intimidade, amor e contentamento.

Em diversos trechos do discurso é marcada a importância do modo de comunicação, mais do que o conteúdo da comunicação, ou seja, para o autor o ‘como’ se fala é mais importante do que ‘o que’ se fala. A maneira como as diferenças de opiniões e discordâncias são comunicadas podem machucar mais que as próprias diferenças e discordâncias em si. Quando o homem fala com a mulher e não há, por parte dela, aceitação nem compreensão ao ‘o que’ está sendo falado, devido ao ‘como’ o assunto está sendo expressado, então o casal começa a “discutir sobre uma coisa e, em cinco minutos, já está discutindo sobre o modo como está discutindo” (p.166). Dessa forma, uma inocente conversa pode se transformar numa verdadeira batalha.

Para o autor, existem algumas “razões secretas” (p.183) pelas quais os homens discutem com as mulheres. As principais razões apontadas são: o homem se sente numa relação infantilizada com a mulher, mas gostaria de se sentir admirado; o homem não se sente estimulado a ser o “cavaleiro de armadura reluzente” (p.171) da sua mulher; o homem se sente constrangido porque entende que a mulher espera que ele tenha uma bola de cristal para leitura da mente dela.

A disposição masculina para a conversa é sinalizada também nas situações em que o homem sente que, de alguma forma, errou ou chateou a pessoa a quem ele ama. Quando o homem percebe que decepcionou a mulher, ele se dispõe a falar com ela e se expressa através de argumentos justificativos que tentam convencê-la a entender que ela não deveria estar aborrecida. Assim, o homem acredita que as suas razões expostas irão servir para confortá-la e proporcionar a ela uma sensação de bem-estar.

corporal (2005), *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (2003), *A linguagem do corpo: como entender as mensagens dos outros pelos seus gestos* (1995).

Assumir explicitamente que errou é algo muito raro para os homens, e isso é observado no fato de que eles dificilmente dizem ‘sinto muito’. Esse “padrão masculino” (p.176) se justifica “porque em Marte isso significa que você fez alguma coisa errada e está pedindo desculpas” (p.176). A sensibilidade de um homem é aflorada no momento em que ele percebe que cometeu um erro e ele se sente extremamente sensível, constrangido, envergonhado e pesaroso, sensível e, especialmente neste momento, precisando muito do amor de sua mulher. O homem não pede desculpas porque esse comportamento está associado, tanto à dor pelo reconhecimento pessoal de que fracassou, quanto ao risco de não receber compreensão nem perdão de sua mulher. Na visão do autor, quando o homem fala com a mulher, e emerge nele alguma sensação de dor - por exemplo, ser rejeitado ou criticado, ocorre uma tendência à fuga dessa sensação e, muitas vezes, por meio da substituição por outra sensação (como uma máscara de disfarce). Nesse sentido, o seguinte trecho do discurso pode exemplificar essa perspectiva do autor: no lugar de desculpar-se, ele pode “ficar nervoso pelo fato dela estar aborrecida” (p.220) com ele, o que o incomoda pelo fato dele estar expondo-se ao desafeto e à não apreciação dela em relação a ele.

O fato do homem perceber que chateou sua mulher cria nele medo e ressentimento porque é muito grande a sua necessidade de ser aprovado, apreciado e admirado por ela, mas a maioria dos homens têm vergonha de admitir e falar com a mulher sobre essa necessidade de validação por ela, e “não receber o que precisam machuca” (p.180). Ser merecedor do amor de sua mulher, apesar disso não aparecer em forma de comunicação verbal com ela, é a justificativa adotada por Gray para a persistente busca masculina pelo sucesso cada vez maior, o que é traduzido pelo autor como um “vício do sucesso” (p.206) - *falado* à mulher através de ações concretas.

Falar com a mulher sobre o perdão, ou seja, sobre um problema, é algo muito difícil para o homem. Em geral, “os marcianos falam sobre seus problemas por duas razões somente: eles estão acusando alguém ou estão buscando conselho” (p.48). A maioria dos homens é cautelosa e prudente com respeito a necessidade de falar sobre problemas com as mulheres, já que nunca vivenciaram os benefícios dessa prática.

A temática de pedir ajuda é trabalhada por Gray como sendo um fator de grande sensibilidade para os homens - eles resistem a falar que precisam de apoio.

A busca de ajuda, pelos homens, é percebida como um sinal de fraqueza, se ele pode desenvolver a tarefa por si mesmo. Nem mesmo se interessam por livros de *auto-ajuda*, romances, novelas ou revistas tipo *Psychology Today*, *Self* ou *People*, mas sim, buscam ocupar-se com tarefas de caráter externo como pescar, caçar, corridas de carro, notícias sobre o tempo ou sobre os esportes. No entanto, se o homem precisar ser ajudado, ele procurará alguém por quem tenha respeito para conversar.

Mas não é apenas em relação a pedir desculpas que os homens apresentam resistência. Também a resistência masculina, à demanda da mulher, em conversar sobre problemas em geral, é justificada pelo fato do homem, nesses casos, se sentir controlado por ela ou não se sentir aceito. É difícil para o homem compreender que a mulher está apenas tentando ajudá-lo na resolução do problema ou apenas tentando confortá-lo. Diante de um questionamento feminino a respeito do problema - por exemplo, do tipo: ‘qual é o problema?’ o “marciano” falará algo muito sucinto como “não é nada” ou “eu estou bem” (p.85), o que deve ser interpretado como um sinal indicativo de que o homem quer resolver sozinho os problemas. O autor ressalta que, eventualmente, o que o homem fala para a mulher é exatamente o contrário do que ela interpreta - como, por exemplo, quando ele responde “não tem problema” (p.88). “Uma maneira de honrar um (...) marciano é *sempre* admitir que ele pode resolver o problema a não ser que esteja pedindo ajuda” (p.30). Nas situações de problema, o silêncio é a marca registrada masculina, já que ele não consegue dizer para a mulher que está chateado e que necessita de aceitação e algum tempo para ficar sozinho.

Por essas dificuldades da expressão oral masculina, Gray apresenta um “Dicionário Fraseológico Marciano/Venusiano” (p.85) que tem por objetivo dar uma assistência, às mulheres, quanto às interpretações sobre as expressões abreviadas adotadas quando os homens falam.

“Quando um homem diz ‘estou bem’ é uma versão abreviada do que ele realmente quer dizer, que é ‘estou bem porque posso lidar com isso sozinho. Eu não preciso de ajuda alguma. Por favor, me ajude não se preocupando comigo. Tenha confiança de que posso lidar com isso sozinho’” (p.85); “‘não é nada’ traduzido para venusiano significa ‘nada está me incomodando que eu não possa resolver sozinho. Por favor, não me faça mais perguntas sobre isso’” (p.87).

Precisar de algum tempo sozinho não é uma necessidade apenas nas situações que representam um problema para o homem. É comum o comportamento masculino de silenciar-se e, até mesmo de repente, não falar com

sua “parceira” (p.49) de maneira alguma. Essa postura pode durar até mesmo algumas horas, já que os homens processam as informações diferentemente da forma das mulheres. Primeiramente eles pensam, formulam ou “ruminam” - interna e silenciosamente, e só falam após encontrarem as palavras ou soluções mais adequadas ou úteis (p.80). Esses silêncios “são avisos de que ele ou está na sua caverna ou a caminho” (p.113), e que devem ser interpretados como uma fala do tipo “preciso de algum tempo para pensar nisso, por favor, pare de falar comigo. Eu vou voltar” (p.97). Se o homem sentir-se pressionado ou exigido, pela mulher, a falar, então ocorre um “branco na sua cabeça (...) e mesmo que tenha alguma coisa a dizer, ele vai resistir” (p.113).

Para conversar, o homem precisa ter uma razão. Diferentemente da mulher, “eles não falam somente porque gostam de compartilhar” (p.113). Na visão desse autor, o homem tem por hábito recorrer ao discurso somente quando precisa transmitir informações ou fatos. Desse modo, muitas vezes, a forma como o homem fala com a mulher pode ser geradora de discussões.

Gray indica alguns erros de comunicação cometidos pelos homens na relação com a mulher. Um desses erros ocorre quando o homem fala de uma maneira que seja interpretada pela mulher como se ele não se importasse - por exemplo: “você não deveria se preocupar tanto” ou “se você vai reclamar de fazer isso, então não faça” (p.35). Quando um homem fala dessa maneira com uma mulher, o objetivo dele é tentar explicar sentimentos de aborrecimentos ou oferecer uma solução delineada repentinamente para fazê-la se sentir bem. Entretanto, quando faz esses comentários, ele “inadvertidamente fere os sentimentos de sua parceira” (p.167). Dar conselhos é outro erro masculino de comunicação, pois é um julgamento errôneo pensar que a mulher está pedindo a resolução de um problema, quando, na verdade, ela só queria carinho e empatia.

Essa forma de falar masculina pode gerar discussões entre os membros do par. Frente aos erros de comunicação cometidos pelos homens, as mulheres reagem, muitas vezes, de uma forma que acaba por provocar nos homens a sensação de que estão sendo rejeitados, depreciados ou atacados. Diante disso, o homem prontamente pode lançar mão do seu lema “a melhor defesa é o ataque” (p.169) e, então, dirigir-se à mulher culpando, julgando ou criticando para intimidá-la, entretanto, ele está motivado interiormente por sua necessidade de ser amado e apoiado. Um outro comportamento adotado pelo homem é, ao invés de

falar, recorrer ao silêncio - “os marcianos podem retirar-se para dentro de suas cavernas e nunca mais saírem. É como uma guerra fria. Eles se recusam a falar e nada se resolve (...). Esses marcianos têm medo de confrontos” (p.168).

Finalmente, no tocante à expressão do sentimento amoroso, o autor ressalta que “ironicamente os homens demonstram seu amor não se preocupando, (...) dizendo frases como ‘não se preocupe, você pode resolver’, ‘esse problema é deles, não seu’ ou, também, ‘tenho certeza que vai funcionar’” (p.89), mas muitas vezes são incompreendidos pelas mulheres que, opostamente, traduzem a fala do homem como uma falta de carinho. Sinaliza-se nesse ponto, ainda, que o autor retoma a forma masculina de falar como um erro de comunicação, provocando na mulher o, já anteriormente mencionado, ciclo de ‘ações-reações’ na comunicação entre os membros do par.

A tradução e interpretação feminina - tomada para o lado pessoal - dessa forma masculina de expressão do sentimento amoroso, também é trazida, no discurso de Gray, como mais um aspecto provocador de conflitos na relação homem-mulher. O autor afirma que, tanto o homem quanto a mulher, facilmente tomam uma conversa para o lado pessoal quando estão, também, sexualmente envolvidos, diferentemente de quando o envolvimento do casal é apenas emocional - facilitando um comportamento imparcial e objetivo na comunicação.

O segundo aspecto da *comunicação* masculina - *como o homem escuta a mulher*, na perspectiva de Gray - é apresentado a seguir, pela análise intra-discurso.

A característica mais marcante e um dos maiores problemas na escuta dos homens, em relação às mulheres, é que eles se tornam nervosos ou frustrados porque se esquecem de que as mulheres criam a expectativa de que eles se comuniquem com elas diferentemente, ou seja, exatamente da mesma maneira com que elas se comunicam com eles. “Eles não sabem ouvir” (p.25) é a reclamação mais recorrente manifestada pelas mulheres a respeito dos homens. Gray aponta que ao escutar a mulher, em geral, o homem apresenta dois tipos de comportamento: ele a ignora totalmente ou ele escuta por alguns segundos, fica ciente do que a está chateando e, pronta e “orgulhosamente põe o seu boné de Sr. Conserta-Tudo e lhe oferece uma solução” (p.25) para que, dessa forma, ela não mais se sinta aborrecida. Gray defende os homens daquela acusação pelas mulheres com o argumento de que o homem espera ser apreciado por estar

oferecendo uma solução - um gesto de amor-, e que ele fica atordoado quando não é reconhecido pela mulher pelo que está fazendo por ela.

O autor, assim, aborda também a temática da expressão do sentimento amoroso através da forma de escuta pelos homens. Na visão do autor a maneira do homem demonstrar o seu amor é, logo após escutar a mulher, dar conselhos e tentar ajudá-la a resolver o problema. O homem precisa muito ser útil para ela, apreciado e merecedor de sua confiança. Entretanto, o homem pode se sentir inútil, sob suspeita e depreciado - e então, pára de se importar - quando essas soluções oferecidas por ele, não são aceitas, de alguma forma, pela mulher. Gray explica que, isso ocorre porque, muitas vezes, a mulher está “inocentemente” (p.27) compartilhando seus sentimentos de preocupação ou os seus problemas cotidianos, mas o homem escuta, erroneamente, que ela está pedindo um conselho. Como o objetivo dela não é esse, o efeito da oferta de solução dele não é o de um tranqüilizante, o que abala a disposição masculina de escutar compreensivamente - ele, então, passa a ignorar o que escuta.

Apesar do homem apresentar a tendência a resolver os problemas apresentados pela mulher, ele, em geral, quando a escuta, se sente responsável, culpado, atacado e acusado pelo que ela está sentindo e expressando, principalmente nos momentos em que ela está chateada e reclamando sobre algum problema. Assim, “ele não se relaciona prontamente com a necessidade dela de falar sobre todos os seus sentimentos” (p.99). As quatro palavras mágicas para dar apoio a um homem são “não é culpa sua” (p.101-102). Essas palavras são recomendadas pelo autor, pois a tendência do homem se sentir um fracasso e frustrado quando ouve muitos problemas é refletida, de forma bastante destrutiva, no bloqueio da comunicação. Os homens são sensíveis quanto ao sentimento de que falharam (por exemplo, quando sentimentos negativos vêm à tona), e por isso, quando ele está escutando problemas, “ele precisa ser reassegurado de que ainda é amado e apreciado” (p.100), afinal de contas, ele deseja ser o herói dela - validado, reconhecido e amado - e para isso quer fazer algo para solucionar os problemas que escuta dela.

Há de se ressaltar que os homens “realmente não sabem como reagir aos sentimentos de uma mulher”, apesar dessa necessidade deles de sentirem-se importantes e úteis para a mulher. O autor indica que isso se deve, em uma grande parte dos casos, ao fato da cultura não ter ensinado aos homens sobre as

necessidades das mulheres, e ao fato deles não terem aprendido, com sua família, enquanto crianças. O trecho a seguir sinaliza o modelo dos pais e sua importância no aprendizado aos homens: “se um homem viu e escutou seu pai responder com palavras amáveis aos sentimentos negativos de sua mãe, então ele terá uma idéia melhor do que fazer. Nestas circunstâncias ele não sabe porque nunca foi ensinado” (p.236) e, portanto, não sabe que ela apreciará se ele simplesmente ouvir.

A expressão “caverna” (p.45) é utilizada para explicar que este é o lugar onde o homem se refugia - um “impulso para se afastar” - quando escuta a mulher “falar de coisas com ‘sentimentos’” (p.112). Essa conduta masculina é atribuída ao fato dos sentimentos aproximarem mais os homens e criarem intimidade, o que aciona o processo “automático” de afastamento dos homens - como um “elástico” (p.112). Este momento, então, não é favorecedor para que a mulher tente se aproximar do homem para conversar, sendo mais adequado aguardar o seu retorno - que ocorrerá depois de algum tempo e ele estará mais amoroso e com muito mais disposição para ouvir, sendo esse o momento mais propício para iniciar conversações.

A suposição masculina de que está sendo acusado, pela mulher, quando a escuta reclamando sobre algum problema, ou quando a escuta compartilhando algum sentimento de preocupação, decepção ou frustração, cria no homem uma certa resistência, e conseqüentemente, o faz “sacar sua espada para se proteger do ataque” (p.48) tornando, assim, difícil para ele continuar a ouvir a mulher. Gray recorre a argumentos de natureza biológica para representar o uso da espada:

“cada célula do corpo de um homem instintivamente reage com uma lista de explicações e justificativas projetadas para atenuar seus aborrecimentos por meio das explicações (...). Sua tendência para atenuar sentimentos por meio de explicações é somente um instinto marciano” (p.179).

Além da sensação de que está sendo criticado quando escuta a mulher falar sobre problemas, o homem também se torna bastante impaciente, confuso e frustrado, enquanto escuta, devido à riqueza de detalhes com que a mulher fala sobre os problemas - além do uso freqüente de “superlativos, metáforas e generalizações” (p.73). O homem admite, equivocadamente, que para se achar a solução para aquele problema dela que está sendo exposto, todos os detalhes apresentados por ela são necessários, bem como, ele supõe que exista uma “ordem lógica quando ela muda de um problema para outro ao acaso” (p.50). Assim, ouvir é difícil para o homem porque ele fica tentando relacionar logicamente todos os

argumentos expostos por ela e isso o atrapalha a elaborar a solução que deseja propor.

O homem escuta a mulher, erroneamente, tomando suas expressões literalmente, e por isso “podem facilmente se desorientar” (p.74) porque não entendem o significado pretendido por elas. Assim, a forma feminina de falar, acima citada, tanto sobre os problemas quanto sobre seus sentimentos, costuma provocar nos homens uma reação incompreendida pelas mulheres. Alguns exemplos citados por Gray dessa tradução literal são:

“Quando uma mulher diz, ‘eu quero esquecer tudo’, um homem pode escutar ‘eu tenho que fazer tanta coisa que não quero! Estou infeliz com você e com o nosso relacionamento. Eu quero um parceiro melhor que possa tornar minha vida mais satisfatória. Você está fazendo um péssimo trabalho’” (p.77).

Quando uma mulher diz, ‘eu não me sinto ouvida’, a tradução literal masculina pode levá-lo a anular os sentimentos dela, já que na percepção do homem, se ele for capaz de repetir as palavras que ele escutou dela, então é porque ele a *ouviu*.

O uso do mesmo “Dicionário Fraseológico” apresentado pelo autor, na versão “Marciano/Venusiano” (p.85) para as mulheres, é recomendado aos homens, na versão “Venusiano/Marciano” (p.20, p.77), dessa vez, tendo por objetivo orientar os homens na escuta e adequada tradução e interpretação à fala das mulheres.

Um outro recurso adotado pelas mulheres, ao expressar os seus sentimentos (por exemplo, de desgosto ou decepção) para o homem, é o uso de perguntas retóricas - ou seja, uma abordagem indireta. Essa forma de falar feminina, em geral, vai fazer com que o homem escute uma mensagem de desaprovação e se torne defensivo; essa defesa é então expressada provocando nela a sensação de que ela está errada, invalidando-a e, em seguida, se justificando. O autor ressalta que, para escutar, um homem precisa de muito encorajamento e apreciação. Afirmar ainda que a reação de um homem ao escutar afirmações sucintas, objetivas e diretas é melhor que sua reação ao escutar sermões, tons exigentes ou perguntas contraproducentes.

Também é marcado pelo autor, em relação à escuta do homem, o fato de que eles se sentem desestimulados, desvalorizados e não apreciados quando as mulheres fazem pedidos detalhados e indiretos de ajuda. Os pedidos indiretos “não funcionam de jeito nenhum em Marte” (p.268). É ressaltado, ainda, que o

homem se sente fraco, indigno, inseguro e com baixa auto-estima ao escutar a mulher fazer um pedido de ajuda usando a palavra com a letra ‘p’, ao invés de palavras com a letra ‘f’. Para o homem, “as palavras com ‘p’ soam incrédulas, indiretas, fracas e manipuladoras demais” (p.272). O homem requer escutar da mulher pedidos de ajuda do tipo “você faria?” ou “você faz?” (p.273). O trecho a seguir exemplifica esse quadro: “Quando ela diz ‘você poderia limpar o lixo?’, a mensagem que ele recebe é ‘se você pode limpar então deveria fazê-lo. Eu faria isso para você!’” (p.272). Sob o ponto de vista masculino, isso é uma manipulação feminina ou uma desconfiança e desvalorização dela em relação a ele.

Gray destaca, ainda, que é bom que o homem sinta, ao escutar a mulher pedir sua ajuda, que está fazendo um favor à ela, ainda que isso possa provocar na mulher uma sensação de desconforto ou submissão. A boa notícia é que é justamente assim - fazendo um favor - que ele deve sentir, pois isso fará com que ele “dê de coração” (p.276). A necessidade masculina de afeto fica também marcada quando o autor fala sobre o encorajamento e apreço necessários para que o homem se dê conta do valor e da importância da sua escuta para a mulher.

“Esperar que um homem saiba disso sem algum treinamento é esperar que ele seja como uma mulher (...). Depois de ser apreciado por ouvir uma mulher, um homem aprende a respeitar o valor da conversa (...). É muito mais efetivo ensinar um homem a ouvir do que a se abrir e ficar vulnerável” (p.115-117).

Em resumo, a análise *intra-discurso* da obra de Gray, no primeiro aspecto da *comunicação*, na sua primeira temática - a ‘língua diferente do homem’ -, o autor aponta que os homens e as mulheres parecem ser de planetas diferentes, e, por esse motivo, o homem apresenta, em sua natureza, um atributo “inato”, que é o seu estilo peculiar de falar com a mulher; Gray parte desse pressuposto básico e reforça que as palavras e as expressões usadas pelos sexo masculino são as mesmas usadas pelo sexo oposto, entretanto, com significados atribuídos diferentemente daqueles pelas mulheres. Ressalta, ainda, que, numa comunicação entre os membros do par, a maneira ou estilo da fala merece mais valor que o conteúdo dessa fala. O autor destaca que, em geral, conflitos e desentendimentos são provocados porque a mulher toma as palavras ou expressões usadas, pelo homem, diferentemente da maneira como ele atribui. Nesse sentido, um “Dicionário Fraseológico Marciano/Venusiano” é oferecido para que a mulher consiga traduzir e compreender a fala masculina dirigida a ela. No discurso de Gray, com referência ao estilo masculino de falar, pode-se considerar que há o

lançamento de uma expressão nova, tal como ‘língua diferente’ e ‘marciano’, o que supõe-se uma busca, pelo autor, de inovação para a compreensão da comunicação na relação homem-mulher.

As segunda, terceira e sexta temáticas - razões secretas pelas quais os homens discutem, situações em que há disposição masculina para a conversa, e situações em que os homens falam sobre seus próprios problemas - podem ser analisadas, no discurso de Gray, como temáticas que se convergem para a associação do comportamento masculino de busca de validação e afeto da mulher - quarta temática. Idéia que, de certa forma, traz a imagem de um homem emocionalmente imaturo e, até mesmo, infantilizado frente à mulher. Dito de outra forma, o homem, para esse autor, dirige a palavra à mulher, quando frente ao seguinte contexto: sente-se num relacionamento infantilizado com ela (não se sente o “herói” dela), sente-se constrangido por não conseguir corresponder às expectativas de pensamentos dela, sente-se errado porque cometeu alguma falha, sente-se decepcionado, com medo e ressentido consigo próprio porque aborreceu a mulher que ama, sente a necessidade de fazer acusações quando ele tem algum problema, ou, ainda, quando sente a necessidade de buscar conselho diante de algum problema vivenciado por ele.

Todos esses aspectos motivacionais, para a fala masculina dirigida à mulher, estão associados ao objetivo final do homem de conquistar a admiração feminina. Ora, se existe no homem essa necessidade, portanto, entende-se nesse discurso, a imagem de uma relação, por exemplo, ao estilo de filho buscando o amor maternal - ou seja, subordinado hierarquicamente. Isso, de certa forma, traz à tona uma contradição do autor, já que um dos motivos que levam o homem a discutir com a mulher é, justamente, na visão de Gray, sentir-se infantilizado na relação com ela. Merece destaque, também, nesse tópico, o ponto de vista do autor sobre a dificuldade masculina de lidar com as emoções dolorosas, e assim, adotando um disfarce com outra emoção sendo expressada em substituição.

A resistência em pedir ajuda para si mesmo, e o silêncio e a introspecção - sétima e nona temáticas - apresentam-se associadas no discurso de Gray. A postura de introspecção aparece como marca registrada na comunicação masculina com a mulher, e está justificada pelo argumento (de âmbito sociocultural) da necessidade do homem de ser forte, auto-suficiente, com autocontrole, e ser aceito, amado e merecedor de confiança feminina. As palavras

“introspecção” e “silêncio” recebem, no discurso de Gray, um novo sentido: “a caverna”, palavra essa que significa “preciso de tempo, pare de falar comigo, estou processando a respeito de algo, quero ficar sozinho, eu voltarei”. Entretanto, esse novo sentido (caverna é sinônimo de solidão), com uma palavra antiga (onde a caverna era um lugar para todos permanecerem juntos), reflete-se no discurso desse autor com posturas contraditórias, já que também apresenta-se uma idéia de retorno à civilização antiga, ao mesmo tempo em que encontra-se, nesse mesmo discurso, o argumento de que o livro de *auto-ajuda* vai trazer para o leitor o “novo programa para entender o sexo oposto” na sociedade moderna.

A busca frenética pelo sucesso (“vício do sucesso”) - quinta temática -, na perspectiva de Gray, não é explicitado, à mulher, por meio da fala masculina, mas sim, pelo seu comportamento não-verbal. O autor afirma que essa busca é consequência da procura, pelo homem, do amor da mulher. Nesse sentido, retorna-se à temática de número quatro - busca de validação e afeto - já discutida anteriormente. Ressalta-se, na temática do sucesso, que o autor traz no seu discurso, simultaneamente, um modo de se comportar tradicional em épocas antigas - homem empreendedor e bem sucedido -, em paralelo à proposta voltada para uma postura comportamental de um suposto homem moderno - bem sucedido profissional, afetiva e sexualmente - para quem o discurso de seu livro se dirige. Assim, a contradição nos argumentos do autor fica marcada pelo direcionamento da oferta, de seu discurso, ao leitor que vive na época atual, mas com argumentos trazidos de épocas passadas.

Com referência à oitava temática - consequências das características básicas presentes no estilo de fala - encontra-se no discurso do autor, de certa forma, uma inconsistência em seus argumentos, no seguinte sentido: já havia sido observado, por meio da primeira temática aqui analisada, que o homem tem como característica inata uma ‘língua diferente’, entretanto, Gray afirma, também, que uma mulher pode se sentir desvalorizada ou desamada, pelo homem, nas situações em que ele “erra” na maneira de falar com a mulher, por exemplo, ao usar determinadas palavras ou expressões que fazem parte do seu vocabulário e estilo natural de falar com a mulher. Assim, fica implícita uma determinada incoerência, uma vez que, no mesmo discurso, a forma masculina de falar com a mulher é trazida, para o leitor, sob dois pontos de vista: como sendo fruto da natureza biológica do homem, e, ao mesmo tempo, uma forma errada em seu estilo.

Além dessa constatação no discurso, observou-se que frente ao suposto “erro” masculino de comunicação, o sentimento feminino de desvalorização ou desamor, estimula nos homens, por consequência, as sensações de ataque, depreciação ou rejeição, que, por sua vez, provoca uma comunicação masculina com argumentos de culpa, crítica ou julgamento à figura feminina, intimidando-a. Mas essa reação masculina justifica-se, mais uma vez, pela sua forte necessidade de ser amado e apoiado pela mulher. Em outras palavras, pode-se interpretar esse discurso de Gray associado à dificuldade do homem em lidar com os próprios sentimentos, mas também como uma tentativa, em seus argumentos, de proteger o sexo masculino, justificando o comportamento masculino - comunicação com a mulher, pela sua carência e permanente busca de afeto em relação a ela. Isso pode ser traduzido como uma vitimação do homem frente ao sexo oposto. Considerando-se essa interpretação do homem vitimado pela mulher, constata-se que o autor contradiz-se (implicitamente) em seus argumentos, na introdução de seu livro, quando critica produções literárias que apresentam o sexo masculino vitimado frente ao seu relacionamento afetivo-sexual.

Na perspectiva de Gray, a décima e última temática - lidar com os sentimentos (e, indiretamente, com o sexo) - é abordada de forma bastante peculiar, talvez até, podendo ser considerada como uma inovadora perspectiva nos conflitos presentes na comunicação na relação homem-mulher, pois a expressão masculina do sentimento amoroso aparece na fala masculina em forma de palavras de conforto (como, por exemplo, “não se preocupe”), apesar de, em geral, ser traduzida pela mulher, como um descaso ou falta de carinho por parte do homem. Esse roteiro cíclico de desentendimentos na comunicação é destacado por Gray também sob o ponto de vista de que, quando há envolvimento sexual entre os parceiros, as discussões são tomadas pelo lado pessoal, e não imparcialmente.

Em resumo, na análise *intra-discurso* da obra de Gray, no segundo aspecto da *comunicação*, a primeira, a segunda e a terceira temáticas (ignorar ou oferecer solução, expressão do sentimento amoroso, e busca de validação e afeto) apresentam-se inter-relacionadas. O discurso do autor traz a forma do homem escutar a mulher como sendo um reflexo da busca masculina de aceitação e amor da mulher. O autor apresenta a escuta do homem lançando a expressão “põe o seu boné de Sr. Conserta-Tudo”, e afirmando ser essa a razão pela qual o homem tem a tendência de oferecer soluções ou dar conselhos à mulher, pois ele interpreta o

que está sendo falado como um pedido de ajuda, e acredita que assim, demonstra o seu amor por ela e, portanto, será merecedor da admiração e afeto dela.

O autor ressalta, ainda, que além dessa postura de ouvir e resolver, o homem pode não se dispor a escutar a mulher - e até mesmo ignorá-la -, nos casos em que ele interprete, o que está sendo falado, como uma crítica, uma acusação, um ataque ou um julgamento culposos. A reação masculina - o “instinto marciano” - para lidar com essa própria resistência é “sacar sua espada”. Para essa situação, o autor lança outra expressão que novamente vai afirmar a necessidade masculina do afeto feminino, a saber: “as palavras mágicas são ‘não é culpa sua’” (dito de outra maneira: você não erra), o que reasseguraria ao homem que ele ainda é amado, e teria como benefício o desbloqueio da *comunicação* entre os membros do par. Vale também lembrar, nesse cenário de possíveis interpretações masculinas associadas a um ataque tomado como pessoal, a afirmação de Gray quanto às traduções masculinas levadas nesse sentido (como questões individuais) como decorrência da influência do envolvimento sexual (além do afetivo) entre os membros do par. As expressões - “Sr Conserta-tudo” e “não é culpa sua” - lançadas pelo autor, na forma masculina de escutar, trazem à tona o reforço de um perfil de homem à moda antiga - dono da situação e provedor.

É interessante, finalmente, ressaltar que o autor afirma que é bom, para o relacionamento homem-mulher, que o homem tenha a impressão de que está “fazendo um favor” à mulher (ainda que isso provoque na mulher a sensação de ocupar um lugar de submissão), quando ele escuta um pedido dela de forma direta (por exemplo, “você faria?”), e não, de forma detalhada ou indireta (como, em geral, aparece na forma feminina de falar). Novamente, vem à tona nesse contexto do discurso, uma certa reafirmação de facetas historicamente associadas à imagem do homem de épocas antigas - dominador, poderoso, controlador e superior ao sexo oposto.

A quarta temática - lidar com os sentimentos da mulher - aparece na maneira masculina de escutar como uma dificuldade justificada no discurso de Gray com o argumento da ausência de aprendizado, na infância, proporcionado pela família de origem ou pelo contexto cultural. O autor cria e apresenta, então, a “Teoria do Elástico” para explicar a rota de fuga masculina para a “caverna”. Pode-se interpretar esse discurso com alguns traços de inconsistência, uma vez que o autor sinaliza, simultaneamente, que o homem lida, com dificuldades, com

os próprios sentimentos (por sua própria natureza biológica), e apresenta, também, dificuldade em lidar com os sentimentos da mulher (por sua própria carência de aprendizado familiar ou cultural). Diante do exposto, poder-se-ia interpretar, por um viés psicossocial, que se o homem não sabe lidar com os próprios sentimentos, logo, não saberá também lidar com os sentimentos alheios. Mas essa perspectiva não é considerada pelo autor, que opta por argumentos de ordem biológica para referir-se ao “lidar” masculino com os próprios sentimentos, e, por outro lado, opta por argumentos de ordem sociocultural para referir-se ao “lidar” masculino com os sentimentos alheios.

A percepção literal na escuta - quinta e última temática - é trazida no discurso como provocadora de sensações masculinas de impaciência, confusão, frustração, nervosismo e “fácil desorientação”. Tudo isso é justificado pela maneira feminina de falar (detalhada, com metáforas, desorganizada e indireta). Nesse panorama, retomam-se questões já analisadas anteriormente, referentes ao ciclo de “ações-reações defensivas” na comunicação e por consequência, na relação interpessoal com a mulher.

Finalmente, merece também destaque, nesta análise intra-discurso, o argumento do autor quando faz referência ao fato de que livros de *auto-ajuda* não são alvo de interesse dos homens, pois, para esses, recorrer a algum tipo de ajuda é percebido como uma evidência de fraqueza. O autor ressalta, entretanto, que nos casos em que o homem admite que realmente precisa de apoio, ele buscará alguém de sua confiança para conversar. De qualquer modo, demarca-se aqui, uma discreta invalidação aos argumentos utilizados pelo autor, na introdução de sua obra literária como, por exemplo, “técnicas práticas para resolver os problemas que surgem das nossas diferenças” (p.15).

O terceiro tópico a ser abordado trata dos pressupostos teóricos explicitados por Gray em seu discurso.

Pelo discurso de *Homens são de marte...*, quase todas as pessoas estão de acordo com o fato de que homens e mulheres são “completamente” (p.15) diferentes, entretanto para a maioria das pessoas ainda há indefinição no tocante ao ‘como’ são diferentes. Uma crítica é feita às diversas obras literárias que, apesar de objetivarem trazer uma abordagem de definições para essas diferenças, acabam por vitimar um sexo em relação ao outro, apresentam abordagens unilaterais, trazendo uma visão unilateral e, ainda, favorecendo ressentimentos e

desconfianças em relação ao sexo oposto. Dessa forma, o autor se propõe a apresentar “como homens e mulheres ‘saúdáveis’ são diferentes” (p.14) e ressalta que, a compreensão das “diferenças ocultas” (p.24) do sexo oposto, favorece, aos membros do par, uma comunicação eficaz para o alcance de relações bem sucedidas.

Gray não aborda “diretamente” em seu discurso as razões das diferenças entre homens e mulheres, e alega ser esta uma questão de bastante complexidade e cercada por argumentos que abarcam “diferenças biológicas, influência da família, educação e nascimento até condicionamento cultural pela sociedade, pela mídia e história” (p.17). Não se esquivando de suas próprias ponderações, o autor explica que essa temática encontra-se, abordada com mais profundidade, em outro livro de sua autoria, intitulado *Homens, Mulheres e Relacionamentos*.

Apesar do autor esclarecer que não entrou nos méritos das causas das diferenças entre homens e mulheres, uma abordagem superficial e simples se fez presente em seu discurso, com um foco maior, em primeiro plano, nas questões de ordem psicológica, social e cultural e, em segundo plano, nas de ordem biológica. Esses focos puderam ser observados em expressões adotadas no decorrer do discurso, tais como: “nossas emoções não resolvidas da infância” (p.254), “passado desequilibrado” (p.17), “uma família desagregada” (p.17), “nossos pais nunca souberam e por isso não poderiam ter-nos ensinado” (p.13), “ao longo dos nossos dezoito anos de crescimento” (p.246), “dezoito anos de negligência” (p.248), “sem modelos sadios” (p.183), “nem tudo é culpa dos seus pais” (p.248), “passamos dezoito anos aprendendo técnicas de comunicação fracassadas” (p.246), “é simplesmente a falta de treinamento correto e de segurança para praticar” (p.248), “nós aprendemos a nos relacionar” (p.13), “na maioria dos casos nossa cultura não ensina” (p.236), “fomos programados por nossos pais, pela cultura em que crescemos e pelas nossas próprias experiências dolorosas do passado” (p.302), “diferenças inatas das pessoas” (p.104), “dificuldade masculina por natureza” (p.97), “negar sua verdadeira natureza” (p.97), “natureza masculina” (p.97), “o instinto que diz” (p.44), “impulso para que ele se refugie na caverna” (p.100, p.112) e “impulso instintivo de se afastar” (p.110).

Esse amplo contexto considerado no assunto das diferenças entre homens e mulheres, principalmente no tocante à comunicação masculina, deve-se, provavelmente, à formação acadêmica mais abrangente do autor. O britânico John

Gray é Doutor em Psicologia pela Universidade de Oxford, formado em Psicologia e Sexualidade Humana pela Columbia Pacific University e em Inteligência Criativa pelo Maharishi European Research University. É especialista em comunicação/crescimento pessoal e também filósofo. Acrescenta-se, à sua formação acadêmica, que durante nove anos viveu como monge (Gray, 2001). Assim, é plausível considerar que, o estilo conciliador, pacificante e harmonizador adotado em seu discurso no livro, seja justificado por esse percurso acadêmico e profissional.

Dentre as diversas temáticas explicitadas por Gray, os argumentos adotados por ele para tratar sobre o ‘como’ homens e mulheres são diferentes são fundamentados em sua prática clínica de muitos anos em aconselhamento a casais. Essa prática - “bem-sucedida” (Gray, 1995, p.1) - trouxe ao autor os “insights” (p.13) necessários para a abordagem do tema. As “análises teóricas de diferenças psicológicas” (p.15) apresentadas pelo autor, foram construídas, também, fundamentando-se, em respostas de mais de 25.000 participantes de seus seminários sobre relacionamentos. Com essas ferramentas, o autor pôde “definir em termos positivos como homens e mulheres são diferentes” (p.14).

Para uma finalização dessa análise apresentada, é importante, primeiramente, esclarecer que, no desenvolvimento da análise intra-discurso da obra de Pease e Pease, já foram abordadas as questões de ordem da *comunicação* entre homem e mulher, da comunicação de massa, da literatura de massa, do mercado editorial, da necessidade contemporânea psicossocial dos casais, dos especialistas, e das técnicas e argumentadores de forma geral - válidas também para a análise intra-discurso da obra de Gray. Portanto, a finalização, agora apresentada, aborda exclusivamente o escritor Gray, na função de argumentador.

Especificamente para o caso desse argumentador, diante da análise das temáticas expostas, bem como, do levantamento dos pressupostos teóricos explicitados pelo autor, observa-se que o discurso sobre a *comunicação* masculina com a mulher - falar e escutar - traz algumas contradições, e que, assim como sinalizado na análise intra-discursiva do livro de Pease e Pease, possam ser justificadas como uma técnica argumentativa para conquistar a identificação - espelhamento - do leitor com o discurso literário, no tocante às contemporâneas contradições internas dos membros dos pares na condução de seus relacionamentos.

O autor destaca-se com um perfil de habilidade na persuasão ao leitor pelo uso de argumentos fundamentados em sua prática clínica em aconselhamento a casais, bem como em conclusões vindas de respostas de participantes de seus seminários sobre relacionamentos. Não há nomeação explícita de nenhuma teoria do campo científico da Psicologia; o autor refere-se apenas às próprias descobertas - “insights” - que obteve em sua área profissional. Entretanto, os argumentos observados no discurso têm semelhança com as idéias defendidas em diferentes abordagens de teorias da psicologia - já formuladas na ciência. Mas acredita-se que essa semelhança seja invisível ao leitor, que, por fim, atribui credibilidade e confiança ao argumentador de um discurso legitimado pelas declarações de evidências de sua própria prática clínica há 34 anos - um tom de seriedade.

Esse mérito, concedido pelo leitor, ao discurso do autor, também é proveniente de argumentos apoiados na longa experiência do autor ministrando seminários sobre a relação homem-mulher, onde os seus ensinamentos, expostos no livro, foram desenvolvidos e testados. Em seus argumentos, Gray evidencia aos leitores a extensão de sua experiência no campo de relacionamentos, quando cita os diversos locais ao redor do mundo onde seus alunos/participantes usufruíram de suas orientações. O trecho seguinte exemplifica esse recurso para convencimento ao leitor:

“Agradeço a todos os milhares de pessoas que participaram dos meus seminários sobre relacionamento (...) me ajudou a desenvolver essa apresentação simples de um tema tão complexo. Agradeço aos meus clientes que compartilharam suas lutas tão intimamente e confiaram na minha assistência em suas jornadas (...). Seminários Sobre Relacionamento John Gray, onde este material foi testado e desenvolvido: em *Santa Cruz*, em *Honolulu*, em *San Francisco*, em *Washington*, em *Baltimore*, em *Seattle*, em *Phoenix*, em *Los Angeles*, em *Houston*, em *Las Vegas*, em *San Diego*, em *Dallas*, em *Estocolmo*” (p.9).

Outra estratégia para a sedução é a exposição *naïf*, de certa forma também lúdica, de argumentos, tais como:

“Imagine que os homens são de Marte e as mulheres de Vênus. Um dia, há muito tempo, os marcianos, olhando através de seus telescópios, descobriram as venusianas. Bastou uma olhadela nas venusianas para despertar sentimentos desconhecidos até então. Eles se apaixonaram e rapidamente inventaram a viagem espacial e voaram até Vênus” (p.19).

Aponta-se, também, a apresentação, em variados trechos do discurso, do estilo pessoal de John Gray - representante do sexo masculino - de *comunicação* com sua esposa, colocando-se ao leitor, portanto, como modelo vivo de sucesso

no relacionamento de casal. No tocante à capa (Figura 5) de lançamento do livro, no mercado brasileiro, nota-se que a habilidade para a argumentação e convencimento situou-se em um contexto neutro, sem apelo sexual, com a escolha de forte cor vermelha para todo o título e subtítulo e, ainda, com a inclusão da figura de dois planetas - Marte e Vênus (um de cor azul e outro de cor rosa, respectivamente, tonalidades representantes socioculturalmente de meninos e meninas brasileiras). Essa abordagem, com tendência à transparecer um estilo de seriedade, é pouco diferente das realizadas em outros países aonde o livro também foi lançado como, por exemplo, EUA, Espanha, Alemanha e França (Figuras 6, 7, 8 e 9).

O conjunto dessas características a respeito da capa do livro no Brasil, e daquelas do discurso do seu argumentador, certamente contribuiu para o posicionamento da obra em segundo lugar, por pelo menos cinco (5) anos consecutivos, no Rio de Janeiro, no *ranking* dos *best-sellers* de *auto-ajuda* para casais, assim como para o seu sucesso internacional. A título de ilustração, cita-se que o livro vendeu mais de 7 milhões de cópias em 40 línguas e permaneceu, ineditamente por 339 semanas - maio de 2000, na lista de *best-sellers* do *New York Times*¹¹ (Zimmerman et al., 2001a). Similarmente à análise feita para Pease e Pease, considera-se, também para Gray, que os sucessivos e atuais lançamentos, no Brasil, de diversas obras¹² de sua autoria, podem estar influenciando o leitor no tocante à credibilidade, atribuída por este, ao escritor e aos seus discursos.

As análises Intra-Discursos, sobre as obras de *auto-ajuda* de Pease e Pease e Gray, servirão como base para o desenvolvimento da análise Inter-Discursos, apresentada a seguir.

5.2. Análise Inter-Discursos

Este item tem como objetivo analisar, comparativamente, sob o aspecto da *comunicação* masculina, os discursos das obras dos autores Pease e Pease (2000)

¹¹ Tradução pessoal.

¹² Obras de Gray traduzidas para o português (Brasil): *A dieta de Marte & Vênus: e a solução por exercícios* (2006), *Milagres práticos para Marte e Vênus: nove princípios para obter amor duradouro...* (2004), *Os filhos vêm do céu: técnicas positivas de educar os filhos...* (2003), *Como obter o que você quer e apreciar o que tem: um guia prático e espiritual* (2002), *Marte e Vênus recomeçando* (2000), *O que você sente pode ser curado* (1999), *Marte e Venus apaixonados* (1999), *Marte e Vênus no quarto* (1998), *Marte e Vênus juntos para sempre* (1997), *Homens mulheres e relacionamentos* (1996).

e Gray (1995), bem como buscar uma visão mais ampla dos resultados obtidos nas análises intra-discursivas. Complementarmente, aborda-se a imagem do homem - uma questão do âmbito sociocultural - atrelada ao seu estilo de *comunicação*.

A comparação sistemática desses dois discursos revelou a recorrência, sobre a comunicação masculina de forma geral - falar e escutar -, de sete (7) temáticas. Para uma melhor apresentação, essas temáticas (todas já expostas nas análises intra-discursivas) são nomeadas, aqui na análise inter-discursos, de forma a abranger uma maior simplificação possível (conforme esquematizado na tabela abaixo).

A sequência de exposição das temáticas, nessa análise, seguirá o mesmo critério adotado nas análises intra-discursivas - preservar-se a ordem em que as mesmas são abordadas nos discursos de *auto-ajuda*. Nesse ponto, ressalta-se que foi necessário estipular um critério para a prioridade de exposição dessa sequência original, escolhendo uma, dentre as duas obras de *auto-ajuda*, para a esquematização do quadro. Optou-se, então, por seguir o discurso de Pease e Pease, previamente ao de Gray, considerando-se que foi o título que posicionou-se, em primeiro lugar, como o mais vendido.

Temáticas para a Análise Inter-Discursos
Pease e Pease (2000) e Gray (1995)
<i>Comunicação Masculina</i>
Capacidade e habilidade para a fala
Consequências das características básicas presentes no estilo de fala
O silêncio e a introspecção
Lidar com os próprios sentimentos
Percepção literal na escuta
Sucesso
Busca de validação e afeto

A primeira temática a ser abordada é a capacidade e habilidade para a fala. Para Pease e Pease, a capacidade verbal do homem é inferior à das mulheres e por isso eles não são tão faladores. Sua habilidade e inclinação para a fala com a mulher estão caracterizadas ao longo de toda a sua evolução, sendo aptidões naturais, logo, marcas registradas já em seus cérebros. Pelo fato do homem ter em sua herança histórica a função de “caçadores de comida” (p.19), não

desenvolveram, de forma aguçada, as habilidades sensoriais, já que a tarefa de caça exigia dele estar longe da família, não tendo, então, o tempo de convivência necessário para o aprendizado das formas de comunicação interpessoal.

Gray reforça o argumento de que, de fato, o homem tem uma aptidão inata que lhe é característica, e aborda a questão argumentando que o homem fala uma língua diferente da mulher e que essa língua, apesar de conter as mesmas palavras que a língua das mulheres, são usadas pelos homens com significados diferentes. Em outras palavras, a diferença na fala masculina, em relação à mulher, está caracterizada pela maneira como os homens usam as palavras - com representações diferentes. Destaca, ainda, que a habilidade masculina para a fala, de uma outra maneira, é algo que pode ser desenvolvido através de treinamento, e que a capacidade de comunicação é uma qualidade também possível de ser adquirida.

A comunicação é uma habilidade social que pode ser adquirida através de treinamento. Dentro das considerações acerca da habilidade social, encontram-se os padrões de comunicação que variam de forma bastante ampla, por fatores culturais, de idade, sexo, educação, classe social, crenças pessoais, valores, estilo de interação, e do objetivo na situação específica em que se encontre o comunicador, segundo Caballo (2003) - especialista em relações interpessoais. Apesar de não existirem dados definitivos sobre a maneira e o momento do aprendizado das habilidades sociais, a infância apresenta-se, definitivamente, como um período fundamental (ibid.). Reconhece-se, também, que as primeiras experiências de aprendizagem da comunicação podem apresentar em seu cenário, também interações com predisposições biológicas, tendências fisiológicas, mecanismos neurais e/ou hormonais.

A influência das predisposições biológicas como um elemento básico determinante para os modos de comunicação e de contatos sociais, em especial, nas primeiras experiências sociais, influenciando, assim, no desenvolvimento da vida social do adulto é também destacada por Argyle (1974). Entretanto, na opinião desse autor, é provável que o desenvolvimento da comunicação dependa, principalmente, de fatores como a maturidade e as experiências de aprendizagem, na maior parte dos indivíduos. Acrescenta também que o grau de inteligência, o treino, a educação e a classe social estão correlacionadas às grandes diferenças apresentadas nas habilidades dos indivíduos no uso da linguagem falada. Na visão

desse autor, a fala humana, por ser aprendida, possui estrutura gramatical e pode transmitir informação, sendo o mais complexo e apurado meio de comunicação.

Dessa forma, tanto Caballo quanto Argyle, em suas obras supracitadas, reconhecem, em graus variados, a influência de fatores orgânicos, sociais e culturais, na capacidade e habilidade para a fala, e destacam a possibilidade para o treinamento voltado para um aperfeiçoamento desses aspectos.

As idéias de Pease e Pease e de Gray, diante do exposto, tratam relativamente de forma similar a capacidade e a habilidade masculina para a fala, na medida em que consideram influências de fatores de ordem orgânica, social e cultural, pontos de vista corroborados por autores dos campos científico e acadêmico. Relacionando os discursos dos escritores de *auto-ajuda*, sobre a temática, com os estudos acadêmicos apresentados, observa-se que essa imagem masculina retratada, sob esse aspecto, apresenta-se próxima às da atualidade, ou seja, de um homem moderno que tem seu comportamento analisado em sintonia com as considerações de diferentes campos de saberes científicos - inter-relacionados nos estudos da atualidade. Nesse contexto, indivíduo apto para uma reciclagem educacional quanto ao seu modo de se comunicar com a mulher; correspondendo, assim, às demandas e expectativas contemporâneas sócio-culturais para as novas configurações na relação homem-mulher.

A segunda temática - consequências das características básicas presentes no estilo de fala - traz, na visão de Pease e Pease, a forma masculina de falar com a mulher caracterizada pela “mente literal masculina” (p.76) e com atributos tais como: objetividade, clareza, simplicidade, organização lógica, expressões bem definidas, assertividade, eficiência, eficácia e riqueza de vocabulário. Por outro lado, perpassa também nessa forma de falar com a mulher, um tom de agressividade, descortesia, rudeza ou grosseria, ainda que o homem não perceba esses efeitos de sua fala dentro do contexto da relação homem-mulher.

Sob esse aspecto, as idéias de Pease e Pease vão ao encontro das de Gray. A ressalva se faz apenas no ponto de vista sobre o tom de agressividade perpassado na fala masculina, devido aqueles atributos. Para Gray, o estilo masculino de fala - uma língua diferente - muito sucinto, cria (sob a percepção feminina), em geral, um tom de desinteresse ou rejeição, o que pode ferir os sentimentos de sua parceira. Para esse autor, o tom de agressividade só perpassa a forma de falar masculina, quando a interpretação de suas palavras, pela mulher, é tomada, pelo

homem, como crítica, o que vai provocar nele uma auto-defesa através do ataque verbal, ou, ainda, a retirada para sua “caverna”, recusando-se a conversar, devido ao seu “medo de confronto” (p.168).

Considerando o ponto de vista de Argyle (1974) a linguagem falada pode ser usada para se alcançar diversos objetivos como, por exemplo, para transmitir informação, responder a perguntas, relatar fatos, fazer perguntas, dar opinião e também para influir no comportamento alheio (por instrução, persuasão ou mesmo por observações agressivas - como último recurso, quando tudo o mais falhou). Afirma, ainda, que a fala agressiva pode aparecer sob variadas maneiras entre as mais brandas e as mais violentas; e que a linguagem falada, eventualmente, pode ser recebida de uma maneira incorreta devido a basicamente duas razões: a primeira, devido à falta de clareza do locutor, e a segunda, devido à atribuição de significado diferente às palavras recebidas pelo ouvinte. Complementarmente, ressalta que a fala também está relacionada com o processo de interação social.

Pease e Pease e Gray afirmam, assim, cada qual a sua maneira, que o homem, quando fala com a mulher, pode transmitir um tom de agressividade, descaso ou rejeição. Esses posicionamentos, no tocante às consequências do estilo masculino básico de fala com a mulher, consideram prioritariamente a perspectiva biológica (o estilo natural masculino), atribuindo um valor secundário a outras perspectivas como, por exemplo, a sociocultural. Pelos fatores orgânicos, os autores dos dois livros reforçam a já popular, tradicional e antiga imagem do gênero masculino - rude, assertivo e autoritário. Além disso, percebe-se nos argumentos de Pease e Pease, que o homem, em sua forma de falar com a mulher, é retratado como sendo vítima do seu próprio estilo de fala - objetivo e organizado - e, ainda, sem conseguir nem perceber, e nem compreender, as prováveis consequências, de sua forma de falar, à escuta feminina. De certa forma, traz ao sexo masculino uma imagem de alguém não muito comprometido no seu relacionamento. Gray, por outro lado, também valoriza o perfil masculino na forma de falar e, de certo modo, ampara e resguarda o homem, através dos argumentos do homem se sentir criticado pela mulher (por isso, ele se defende atacando-a), bem como, do homem se refugiar (protegendo-se da acareação com ela - pelo medo masculino do atrito interpessoal). Tomando-se como referência os estudos de Argyle (1974), já pelos fatores sócio-culturais, constata-se, nos

discursos de Pease e Pease e de Gray, uma simplista abordagem no tocante à riqueza de fatores envolvidos nas possibilidades de intenções e conseqüências do estilo masculino básico de fala, na interação com a mulher. Assim, decorre-se, dessa postura dos autores dos livros de *auto-ajuda*, a emersão de uma imagem, do sexo masculino, de certa forma, reduzida ou com uma visão unilateral prevalente. Em outras palavras, um homem à moda antiga (ríspido, sucinto, hierarquicamente superior, distraído e descuidado em relação aos sentimentos e reações interpessoais femininas) e, simultaneamente, vítima frente às suas próprias características biológicas de comunicação interpessoal e frente à reação feminina diante da forma com que ele fala com ela.

A terceira temática - o silêncio e a introspecção -, na visão de Pease e Pease, é sinalizada pelo viés da programação biológica (evidenciada pelas tomografias cerebrais) e, pela consideração, ainda que coadjuvante em seus argumentos, ao condicionamento social (necessidade de auto-suficiência). Esses aspectos são característicos da fala masculina, pois o homem, antes de verbalizar, pensa em silêncio sobre o que vai dizer e, nesse processo interno, não gosta de ser interrompido, sendo sua expressão facial de neutralidade. Os homens, quando estão lidando com problemas, também mostram esse lado introspectivo não querendo falar com a mulher, até que se chegue a uma solução para o problema a ser tratado. Nessa introspecção, muitas vezes, ele pode até se ocupar de outra atividade em paralelo.

Ficar introspectivo ao lidar com problemas - por exemplo, o estresse - é um aspecto também ressaltado por Gray. Lidando com o estresse, o homem se torna concentrado, retraído, silencioso. Isso é regra: “Quando um marciano fica estressado, ele nunca fala sobre o que o está incomodando” (p.40). A sua caverna particular serve como refúgio para que ele fique sozinho e em silêncio quando está chateado. Lá, ele pensa, “rumina” sobre o problema, e só sai de lá quando tiver encontrado a solução (p.41). Caso a solução não seja encontrada, o recurso adotado pelo homem é buscar alguma atividade - ler, ver televisão ou jogar, por exemplo, que permita a ele, temporariamente, esquecer-se do problema, para posteriormente, com mais sucesso, canalizar seu foco para o seu problema. Caso o homem esteja realmente bastante estressado, então busca algo que o desafie num grau superior - alpinismo ou corrida de automóveis, por exemplo. Quando o homem está dentro da “caverna na sua mente” (p.42), temporariamente, ele não

quer ser incomodado, sua plena consciência não está presente porque ele está, de certa forma, ocupado, concentrado, e se torna, nesse momento, distante, esquecido, insensível e perde a noção de tudo o que não esteja relacionado diretamente ao seu foco. Nessas situações, ele se sente “impotente para liberar sua mente” (p.42) e se torna incapaz de dar atenção à mulher. O autor afirma que a introspecção é uma marca registrada na comunicação masculina com a mulher, e que o homem apresenta dificuldade em dizer que precisa ficar sozinho, ou que precisa de silêncio para processar algum pensamento.

Para Gray, falar com a mulher, sobre problemas, é algo difícil para o homem, principalmente pela dificuldade dele em dizer que precisa de um tempo para ficar sozinho e em silêncio para pensar. Ressalta que, com o objetivo de confortar ou ajudar o homem, a mulher inadvertidamente interrompe o processo dele, sendo, então, “queimada pelo dragão que protege a caverna” (p.84): o homem se descontrola e desanda a dizer coisas das quais, mais tarde, irá se lamentar por ter dito a ela. Essa tentativa feminina de dar assistência é tomada por ele como um desestímulo, ofensa e mágoa, e faz com que ele perca seu sentido de poder e dignidade, tornando-o, então, inseguro ou preguiçoso. Vale lembrar que os “marcianos” (p.30) são mais orientados para as soluções, “seus instintos marcianos lhes dizem” (p.59) que ficar sozinho nesses momentos é o mais recomendado. Nota-se, assim, que além da perspectiva orgânica, o autor recorre ao campo de ordem sociocultural, citando a formação do homem na infância para explicar que o dragão pode entrar fortemente em ação, principalmente, se este homem viu seu pai sendo criticado por sua mãe ou se ele próprio se sentia criticado na família. Esse retraimento é justificado, ainda, pelo fato do homem sentir a necessidade de ser auto-suficiente, forte, auto-controlado, compreendido pela mulher e merecedor da confiança dela - aspectos de ordem dos contextos social e cultural.

A visão de Gray e Pease e Pease são concordantes principalmente quando afirmam que essa quietude não é compreendida pela mulher. Gray complementa que esse silêncio, em geral, é sinônimo de uma caverna na mente masculina: “os homens hibernam nas suas cavernas” (p.302). Ocupar-se de outra atividade enquanto lida com situações de problemas, em sua caverna, sem falar com a mulher, também é um outro ponto em comum no discurso de Pease e Pease e Gray, além de pensar em silêncio antes de verbalizar. Nesse sentido, Gray adota o

termo “ruminar” (p.80) para o estilo masculino de pensar - para processar as informações, falando somente após a finalização desse processamento. Por esses motivos, reforça, assim como Pease e Pease, que o homem não gosta de ser interrompido quando se encontra em seus momentos de introspecção.

No tocante à privação da fala, Caballo (2003) afirma que períodos de silêncios são normais nas conversações e, muitas vezes, funcionam como pausas refrescantes. Ressalta que, apesar disso, algumas pessoas, tanto na posição de falante quanto na de ouvinte, sentem-se bastante desconfortáveis diante do silêncio. O autor explica que não há problema algum com referência ao silêncio *per se*, mas ele pode ser tomado como provocador de ansiedade, e que isso se deve ao fato de que a inconveniência do silêncio é o que as pessoas falam a si próprias sobre ele, ou seja, as auto-verbalizações negativas que alguns indivíduos têm sobre o sossego. Argyle (1974) sinaliza, ainda, que da mesma maneira que cada pessoa apresenta um padrão de fala e silêncio, cada indivíduo também mostra meios característicos de reações ao silêncio por parte dos outros.

Tanto Pease e Pease quanto Gray destacam o silêncio como um ingrediente básico no estilo masculino de se comunicar com a mulher. Este silêncio encontra-se associado ao modo masculino de processamento de informações, principalmente aquelas relacionadas a problemas. Observa-se também que todos esses autores abordam o silêncio masculino como um provocador de conflitos na relação homem-mulher, já que se limitam a argumentar que essa característica não é compreendida nem aceita pela mulher, pois este silêncio provoca distância emocional e insensibilidade em relação à ela. Nesse caso, o silêncio masculino está sendo tomado com enfoque negativo na comunicação entre o homem e a mulher, ponto de vista justamente contrário ao apresentado por Caballo (2003). Portanto, o homem está caracterizado como uma pessoa insegura que não consegue assumir explicitamente, para a figura feminina, seus próprios desejos, necessidades e aquilo que lhe faz precisão de silenciar-se em determinadas situações, ou seja, com uma imagem masculina tradicionalmente antiga - com necessidade de auto-suficiência e de se mostrar forte.

Nesse panorama, o homem está sendo abordado com a estampa de uma pessoa cujos retraimento e introspecção (programação biológica ou instinto masculino), em determinadas situações, aparecem como estimulantes aos conflitos com sua parceira, acrescentada à dificuldade masculina de se expressar

verbalmente, para a sua parceira, quanto às suas próprias necessidades (questão de ordem sociocultural), bem como, marcada pela ausência de compreensão feminina para tal necessidade masculina de silêncio. Assim, a essa quietude, são atribuídas causas de ordem orgânica, social e cultural. Pode-se, assim, interpretar que essa imagem do sexo masculino abarca um perfil de homem com características tradicionalmente antigas, bem como, alguém vitimado pelo comportamento feminino - em face das ações masculinas. Logo, por esse último aspecto, pode-se interpretar um indício de transformações nos aspectos comportamentais masculinos, em relação à épocas remotas. Nesse contexto, lança-se mão da expressão “o sexo que já foi chamado de forte” (Nolasco, 1993) para a referência a esse retrato masculino trazido por Pease e Pease e Gray.

A quarta temática - lidar com os próprios sentimentos - aborda o fato de que, na argumentação com a mulher a emoção masculina é camuflada. Segundo Pease e Pease, raramente os homens se emocionam, e isso se deve a dois fatores: o primeiro deles é que os homens não gostam de se permitir a correr riscos de descontrole (campo sociocultural) - sinal de fraqueza -, e o segundo fator é que sua estrutura cerebral (campo orgânico) traz a emoção localizada no hemisfério direito e o manejo das palavras se encontra no hemisfério esquerdo, estando, assim, separados razão e emoção. No caso da emoção masculina aflorar, quando estiver falando com a mulher, o homem se comporta (por meio da fuga) recusando-se a continuar a conversa e mudando de assunto. Apesar do homem raramente expor a sua emoção, os autores ressaltam, entretanto, que a sensibilidade de um homem vem à tona, por exemplo, quando ele assiste a exibição de esportes violentos ou de partidas de futebol.

A visão de Gray é próxima à de Pease e Pease, no sentido de que o homem tem, sim, emoções enquanto fala com a mulher, mas não as expressa verbalmente, devendo-se isso ao fato do homem precisar muito de apresentar-se (campo de ordem sociocultural) à mulher como o seu herói - logo, ser forte - além do fato de que mostrar alguma emoção - seja de amor ou de dor - enquanto fala, é uma dificuldade masculina por natureza (campo de ordem biológica). Gray também aponta que a maneira masculina de lidar com a emoção dolorosa, enquanto fala com a mulher, é pela via da fuga, que pode ser expressada adotando-se um outro sentimento - como máscara - diferente do original. A máscara de impassividade, para não demonstrar emoções, no momento da escuta, apontada por Pease e

Pease, é destacada por Gray como uma característica que faz parte da “natureza masculina” (p.97). Gray faz um alerta, especificamente, com referência à dificuldade masculina, em geral inconsciente, de lidar com seus sentimentos dolorosos - inadequação, tristeza, medo, culpa, raiva, mágoa, pesar, dúvida, aflição, desapontamento e vergonha. Como decorrência disso, os homens escondem sua dor de variadas maneiras podendo recorrer até mesmo a outros sentimentos - que servirão de máscaras ou fachadas - para evitá-la ou fugir do risco de enfrentá-la. Assim, essas máscaras podem ser sentimentos tais como a raiva, indiferença, desencorajamento, sentir-se ofendido, usar a noção de certo e errado, sentir-se envergonhado, usar a tranquilidade e a paz, usar a confiança, usar a agressão.

A educação emocional masculina ao longo de séculos de história da humanidade, é trazida pelo psiquiatra-psicoterapeuta Cuschnir e Mardegan Jr. (2001). Esses autores apresentam, como sendo os seus componentes principais, o aparentar autocontrole, frieza, firmeza, impassividade e não expor os traços íntimos de sua personalidade; dessa forma poderá afirmar indubitavelmente sua masculinidade. A expressão *máscara* é adotada para nomear essas exigências da educação emocional, e o uso contínuo dessas máscaras causa nos homens uma falta de identificação em relação a si mesmo, uma vez que, ao estar diante de um espelho, ele não se enxerga em sua verdadeira essência perdendo, então, a capacidade de perceber claramente a sua imagem. Dessa forma, as máscaras se tornam elementos provocadores de uma determinada alienação em relação às suas realidades psicológicas e emocionais, sendo uma consequência disso a incomunicabilidade (também interpessoal) e a angústia. Os autores destacam, ainda, que evidentemente o uso de máscaras não é um fenômeno natural, mas um escudo e um disfarce.

Sentimentos dolorosos, como medo e vergonha juntos, formam o que os autores supracitados nomeiam como o ecossistema onde as máscaras ganharão terreno fértil para entrar no palco. Essas duas emoções acompanham o homem por toda a sua vida, sendo, ambas, dificilmente não mais reprimidas, somente através de um trabalho profundo terapêutico. Por todo esse contexto, desde a sua infância, o homem não sabe como lidar com as suas emoções, e nem com a flutuação de sentimentos característica nas relações humanas. Cuschnir (2000) salienta que, na atualidade, o homem sente-se completamente desconfortável diante de tantas

transformações turbulentas em sua vida afetiva. O homem foi educado para não passar vergonha, para nunca ser visto como bôbo. Não pode chorar nem ter medo, pois demonstrar essas emoções seria expor-se ao risco de ser visto como excessivamente sensível - o que significa fraqueza e fragilidade, pela percepção masculina. Entretanto, Cuschnir e Mardegan Jr. (2001), ressaltam que, apesar de ser raro, na atualidade, há homens que já não escondem tanto as suas angústias como faziam em épocas anteriores, indicando, assim, um modesto progresso, no campo da *comunicação* interpessoal, na relação homem-mulher.

No tocante à imagem sociocultural da figura masculina, tanto Pease e Pease quanto Gray, abordam um assunto versado recorrentemente na mídia e em trabalhos acadêmicos de psicologia - os sentimentos no homem. Esconder as emoções negativas, vivenciadas enquanto fala ou escuta o sexo oposto, traz como consequência uma comunicação falsa, teatral, onde o ‘homem de verdade’ não aparece, mas sim, um ator em plena representação de seu papel social. Nesse caso, a espontaneidade, desaparece. Uma das queixas femininas, recorrentemente trazidas e observadas em minha prática clínica, diz respeito ao fato de que seus parceiros *não ligam* para o que elas falam, ou não dão a atenção devida, parecendo comportarem-se como múmias ao escutá-las. A camuflagem masculina, pela máscara de impassividade, de suas próprias emoções dolorosas pode, assim, criar desentendimentos e insatisfações na relação homem-mulher, por ser esse encobrimento interpretado, pelas mulheres, em geral, de forma equivocada nos contextos da comunicação e do relacionamento.

No tocante às declarações de amor - sentimento positivo - de um homem a uma mulher, Pease e Pease consideram que são raras, já que o homem associa isso a um compromisso sério com ela, o que, por sua vez, está associado à privação de envolvimento com outras mulheres. Essa dificuldade em verbalizar o seu amor, em relação à sua parceira, é amenizada, pelo homem, através do sexo, ou seja, de certa forma por uma linguagem não-verbal. Assim, o sexo também apresenta a função de expressão do sentimento amoroso.

Gray afirma que é da “natureza masculina” (p.97) relegar os sentimentos a uma esfera secundária. A declaração verbal do sentimento amoroso, para esse autor, em geral, aparece, de forma indireta, nas expressões verbais masculinas do tipo “não é nada tão importante assim” (p.89) onde, de alguma forma, o homem está oferecendo palavras com o objetivo de ajudá-la e confortá-la ou, também,

quando ele oferece alguma solução. Entretanto, no percurso dessa demonstração de sentimentos, pode aflorar, no homem, algum sentimento doloroso (ser criticado, por exemplo), nos casos em que a sua declaração indireta de amor não seja compreendida como tal (pela mulher), mas sim, até mesmo como um descaso por parte dele. Nesse panorama, o autor alerta que o comportamento masculino, de tomar a reação feminina como crítica à pessoa dele, por exemplo, está associado também ao fato de haver, entre o casal, um envolvimento sexual, além do afetivo. Finalmente, ressalta que a expressão do sentimento amoroso, no momento da escuta, é associada pelo homem como permitida, porém, isso aparece através do comportamento dele de tentar ajudá-la; uma vez que, na percepção masculina esse é um gesto de amor.

Gratch (2001) destaca que, além da distância emocional, estão abarcados na psicologia masculina, também, a vergonha, a insegurança, o egocentrismo, a agressividade, a autodestruição e a atuação sexual. Alerta, todavia, que a peça principal do equipamento emocional dos homens é a distância emocional - *não sei mais o que sinto*. Sob uma ótica psicológica interna, há uma luta masculina com os seus próprios sentimentos. Segundo O'Brien (1994) o modelo do que seria o *novo homem* abarca, em sua configuração, o atributo, dentre vários, de *discutir sentimentos pessoais com a parceira*, mas salienta que dados empíricos sugerem não haver muito predomínio do homem novo e composto dessa maneira. Afirma que no sistema de sexos atual, o cenário das emoções tende, ainda, a estar prevalecentemente a cargo das mulheres. Em artigo sobre o protagonista masculino numa terapia sensível aos sexos - que salienta a dimensão do sofrimento psicológico do homem em relação à parceira - foca como os adultos do sexo masculino reagem aos problemas emocionais. A autora ressalta que há dados que confirmam a menor tendência dos homens, quando comparados com as mulheres, a buscar ajuda para tratar sobre os problemas emocionais; indiferentemente desse problema ser explicado como de ordem individual ou do casal. As experiências e opiniões clínicas coletadas por essa psicóloga social e psicoterapeuta são de que, frente a problemas emocionais entre os membros do par, são as mulheres que tomam iniciativa em busca de um órgão especializado para o apoio. Através de outros levantamentos, sugere que os homens apresentam uma tendência menor que as mulheres a interpretar sintomas associados a um mal-estar geral e à depressão leve como indícios de problemas emocionais, e isso

estaria associado a consideração do reconhecimento ou classificação, das próprias emoções, como podendo sofrer influência do sexo em questão. Sob essa ótica, acredita-se que os homens possam ser acometidos por mal-estar ou infelicidade, no mesmo grau das mulheres, contudo, o modo masculino de processamento dessas sensações pode ser diferente do feminino. Essa diferença de atenção masculina ao próprio interior (em comparação com as mulheres, os homens tendem a prestar menos atenção a determinados estados físicos e alterações - mais desligados dos seus sentimentos), possivelmente, tem reflexos nas relações interpessoais e dentre elas, a relação com a parceira afetivo-sexual. A autora ressalta, ainda, que nas culturas ocidentais os valores e padrões convencionais de masculinidade favorecem a inibição do homem, principalmente no cenário público - restrições sociais -, da manifestação de seus sentimentos, estando essas expressividades, em geral, associadas à fraqueza e feminilidade. A título de ilustração, retoma-se o primeiro mandamento da (*velha*) masculinidade: “Não chorarás nem manifestarás sentimentos de emoção, medo, fraqueza, sintomas, simpatia ou envolvimento diante de teu próximo” (Richman, 1982, p.103 *apud* O’Brien, 1994). Finalmente, a autora ressalta que os valores sociais partilhados que compõem a masculinidade podem atuar como provocadores de conflitos interiores, bem como no tocante à relação homem-mulher.

A manifestação masculina de emoções e sentimentos caracteristicamente positivos - alegria, amor, deslumbramento, entusiasmo, fascínio, prazer - também são alvos de repressão na educação emocional dos homens, segundo Cuschnir e Mardegan Jr. (2001). Essa repressão está refletida em recentes pesquisas sobre os meninos em situação de convívio social. Sua marca registrada é que os meninos são sempre mais introvertidos, demonstrando claramente os códigos de conduta elaborados para as crianças do sexo masculino. Os autores mencionam também que, com certa frequência, as brigas, e as chaves de braço são a forma que os meninos adotam para demonstrar afeto, mesmo sendo esses comportamentos traduzidos como agressividade. Esses códigos aprendidos desde a infância são colocados, em forma de receituário a ser seguido ao longo de toda a vida do homem. Dentre os imperativos a serem obedecidos, encontram-se que os homens não podem compartilhar suas emoções com ninguém, devem ser invulneráveis em seu íntimo, e não devem experimentar os sentimentos e comportamentos afetivos - empatia, carinho, compaixão, pois terão sua masculinidade ameaçada e serão

considerados efeminados. Assim, a repressão a expressar o sentimento natural e verdadeiro é algo como uma “camisa-de-força” (ibid., p.50) masculina que favorece a modelagem de personalidades com prejuízos de ordem de tristeza, solidão, introversão, isolamento, baixa auto-estima e pouca confiança. Nesse contexto, vale destacar, complementarmente, que o homem tem poucos conhecimentos a respeito dos seus próprios sentimentos, apesar de ter sentimentos intensos, e que a maior razão para o medo de expô-los é ser julgado, pela mulher, como um fraco.

As idéias de Pease e Pease e de Gray, que delineiam a imagem do sexo masculino, por meio dos discursos sobre a comunicação com a mulher, encontram suporte e credibilidade pelos supracitados estudos acadêmicos de Cuschnir e Mardegan Jr. (2001), de Cuschnir (2000), de Gratch (2001) e de O’Brien (1994), no tocante à dificuldade masculina em lidar com os próprios sentimentos - quer sejam positivos ou negativos. Há exceção, entretanto, apenas no fato de que, tanto na perspectiva de Pease e Pease quanto na de Gray, essa dificuldade do homem está atribuída não somente a causas socioculturais, mas também aquelas de ordem biológica. Posições, essas, diferentes dos estudos científicos supracitados, que referem-se à dificuldade masculina como se devendo exclusivamente a fatores socioculturais. Essa dificuldade é apresentada, pelos autores dos livros de *auto-ajuda*, como um componente, da imagem masculina, provocador de conflitos e descontentamentos entre os membros do par. Além disso, o comportamento de esconder os próprios sentimentos, na comunicação com a mulher, esboça um retrato de homem com perfil de épocas antigas (dono da situação, autocontrolado, forte e racional).

A quinta temática - percepção literal na escuta - refere-se à maneira do homem ouvir a mulher, que é tratada por Pease e Pease como uma dificuldade masculina, caracterizada por uma confusão, desorientação, inquietude e ansiedade, se perdendo na escuta e, muitas vezes, por fim, até mesmo se desinteressando por continuar a ouvir a mulher. Esses sentimentos são justificados, em primeiro lugar, pela estrutura lógica do cérebro masculino (ordem orgânica) - que percebe o que é dito literalmente - que não possibilita ao homem acompanhar o raciocínio indireto feminino. Em segundo lugar, o homem, ao escutar a mulher, interpreta (ordem sociocultural) aquele excesso característico de palavras dela, e a maneira como ela fala, como uma reclamação contra ele ou

como um pedido de solução e, então, respectivamente, ou ele entra na defensiva ou ele vai em busca de uma solução. Assim, tanto o ato defensivo, quanto a busca de solução, acabam provocando desentendimentos na relação com a mulher.

No discurso de Gray, similar ao de Pease e Pease, ficarem nervosos, atordoados, impacientes, confusos ou frustrados são as reações mais marcantes nos homens durante a escuta, assim como um de seus maiores problemas em relação à comunicação com as mulheres. São três as justificativas apresentadas por Gray, para essas reações masculinas: a primeira se caracteriza pelo fato dos homens não se lembrarem das expectativas femininas de que eles se comuniquem igualmente a elas (“língua diferente”); a segunda refere-se também ao esquecimento deles de que a mais freqüente reclamação das mulheres é que os homens não sabem ouvir; a terceira diz respeito ao modo feminino característico de falar - com riqueza de detalhes, com superlativos e metáforas, em ordem ilógica, de maneira indireta e desorganizada, que faz com que o homem não entenda o sentido desejado por ela. Complementarmente, assim como Pease e Pease, Gray defende a idéia da percepção literal masculina na escuta, bem como a tradução do que a mulher fala - com seu estilo característico - como um pedido para que ele providencie uma solução ao problema apresentado. Essa tentativa de solução, entretanto, em geral, causa conflitos na comunicação como, por exemplo, a recusa masculina a continuar escutando ou a feminina, a continuar falando.

É explicitado também, nos discursos dos autores dos dois livros, que o homem pode sentir-se aborrecido por ter a impressão de que está sendo manipulado ou de que está sendo alvo de desvalorização e desconfiança feminina, quando ele escuta (com percepção literal), no discurso dela, palavras como, por exemplo, ‘poderia’ ou ‘pode’. Os autores indicam um melhor sucesso, na escuta masculina, quando ele ouve palavras como ‘vai’ ou ‘faz’. Uma questão apontada exclusivamente por Gray é que é bom, para a relação homem-mulher, que o homem, ao escutá-la pronunciar essas últimas palavras citadas, acredite que esteja fazendo um favor a ela, pois dessa forma, responderá ou agirá de maneira mais amorosa, já que assim se sentirá útil, importante, produtivo e poderoso diante dela.

Gratch (2001), em seu livro com histórias de casos clínicos de seus pacientes do sexo masculino - maioria em seu consultório - cita a obra *Homens são de marte...* para falar sobre a atitude mecânica e seca diante de fatos e

informações, e destaca ser essa a razão fundamental de mal-entendidos entre homens e mulheres no tocante à comunicação nos relacionamentos. Apoiando os argumentos de Gray, destaca a existência de duas línguas diferentes entre homens e mulheres, que é marcada pelo uso das palavras: elas usam para expressar sentimentos e eles para transmitir informações e fatos, influenciando, dessa forma, a maneira com que cada um escuta o sexo oposto. Mostra que, muitas vezes, os homens interpretam, de forma inadequada, certas reclamações comuns feitas pelas mulheres. Essa tradução da língua falada pelas mulheres é feita de modo excessivamente literal. O autor chega até a mencionar um exemplo pessoal, em seu casamento, sobre a sua escuta e compreensão literal das palavras de sua esposa. Sobre a escuta literal dos homens, e suas correspondentes interpretações, esse autor aponta dois lados, um positivo e outro negativo. O lado positivo é que este estilo de escuta funciona como uma defesa, um recurso de proteção para a perturbação emocional masculina associada ao trauma e à crise. Contudo, o lado negativo é que esse literalismo na escuta priva o homem de usufruir de sua capacidade de sentir, alegria por exemplo, funcionando, no final das contas, como um achatador das emoções durante a escuta. E, finalmente, alerta que as emoções não estão ausentes na escuta masculina, pois elas não poderiam nem desaparecer, nem serem reduzidas em sua quantidade ou intensidade. Na verdade, o que ocorre é que elas aparecem disfarçadas - até mesmo por formas não intencionais ou, ainda, surpreendentes.

A incompreensão na *comunicação* pode ser nociva para a continuidade da relação. A *comunicação* e o relacionamento homem-mulher apresentam uma estreita relação, já que o fato de terem, de alguma forma, uma rotina constante, impulsiona o casal para se comunicar (Figueredo, 2006). As diferenças, conflitos e descontentamentos são inevitáveis à relação homem-mulher, e nesse sentido a *comunicação* pode ser um fator fundamental para a busca de harmonia nessa interação. Em estudo publicado três anos antes desta dissertação, Figueredo (2005) afirma que na relação afetivo-sexual de um casal, os desagradados, as discussões acompanhadas de injúrias, e as desavenças fazem parte da dinâmica de interação no relacionamento, onde a *comunicação* verbal é um importante instrumento no esclarecimento de dúvidas nas conversas, e no estabelecimento e manutenção da proximidade entre os membros do par. Nesse quadro, o poder da *comunicação* eficaz pode ser determinante para as soluções dos problemas,

inclusive aqueles de ordem da *comunicação* em si. Nesse contexto, é importante, também, que a *comunicação* no relacionamento leve em suas considerações vários fatores, entre eles: as transformações históricas, as diferenças entre homens e mulheres, e as diversas influências sociais que transformam a maneira como um casal se comunica. A comunicação pobre ou deficiente é motivo freqüente para os casais submeterem-se à terapia. Psicólogos clínicos consideram a deficiência na comunicação, entre os casais, como o mais nocivo problema que eles experimentam no relacionamento, bem como um provocador de outros conflitos, como é o caso da violência ou agressão física. Nesse sentido, a comunicação hábil pode fazer diferença em prol de um ajustamento na relação (ibid.).

Tanto Pease e Pease quanto Gray encontram suporte, em seus argumentos, nos estudos de Gratch (2001), para afirmarem a percepção literal na escuta à mulher, assim como ser esse um dos mais significativos motivos para desentendimentos na *comunicação* entre os membros do par. Figueredo (2006, 2005) corrobora os argumentos de Pease e Pease e de Gray no tocante à obscuridade na *comunicação*. Os autores dos livros de *auto-ajuda*, na segunda temática - conseqüências das características básicas presentes no estilo de fala - sinalizaram o modo objetivo, claro, simples, lógico e sucinto do homem falar com a mulher. Nesse sentido, considerando-se a afirmação de Gratch (2001), a forma (literal) como o homem escuta a mulher está diretamente associada à sua própria maneira de falar (para transmissão de informações e fatos, e não de sentimentos, ou seja, com um objetivo concreto e claro). Assim, por esse raciocínio, chega-se à imagem do homem de épocas antigas, guiado pela razão e não pela emoção. Além disso, os discursos de Pease e Pease e Gray trazem, subjacentemente, uma imagem masculina delineada com traços de vitimação em face da forma feminina de falar, podendo-se entender uma sinalização, ou mesmo uma estimulação, à guerra dos sexos na *comunicação* e, por extensão, na interação afetivo-sexual dos membros do par.

A sexta temática - sucesso - faz menção à extrema importância, atribuída pelo homem, em transparecer-se como bem sucedido, poderoso, auto-suficiente, eficaz, e tendo a situação sob seu controle. Para Pease e Pease a prioridade masculina é destacada com os seguintes atributos: “perseguir resultados, objetivos, status, poder, alcançar a ‘linha de chegada’ e vencer a competição”, ser útil e forte, ficando, em segundo plano, o relacionamento interpessoal, o amor, a

igualdade, a harmonia e a comunicação (ibid., p.91-92). Os autores citam, a título de reforço aos seus argumentos, um estudo, realizado pouco antes da publicação de sua obra, em cinco países ocidentais, onde foi solicitado que os homens descrevessem as características pessoais que desejariam possuir. Dentre uma lista de adjetivos, os homens, em sua maioria, apontaram os atributos corajoso, competitivo, capaz, poderoso, determinado, admirado, habilidoso e prestigiado, priorizando numa escala de valores, o prestígio, o poder e os bens materiais. Pease e Pease justificam, explicitamente, essas escolhas masculinas como decorrência de suas estruturas cerebrais: “o homem valoriza os objetos; a mulher, os relacionamentos. A estrutura do cérebro ditou as preferências” (p.93).

Para esses autores,

“o homem moderno ainda carrega, como herança genética (instinto masculino), a obrigação de ser valente e não demonstrar fraqueza; o homem é por natureza, competitivo, desconfiado, fechado, defensivo, um solitário que busca (...) manter o controle (...). O condicionamento social reforça esse comportamento quando ensina ‘seja homem’, ‘faz cara de mau’ e ‘homem não chora’” (p.97).

Os autores abordam, em especial dentro do aspecto do sucesso masculino, a temática do ‘errar’. Na visão dos homens, o erro é sinônimo de falha e a falha traz consigo o risco dele ser criticado - algo abominável pelos homens, o que provoca neles o medo de perder o amor de sua mulher. Essa percepção masculina tem reflexos, também, na escuta do homem em relação a ela, já que é difícil para ele ouvi-la quando a mensagem dela é interpretada, por ele, como uma acusação de insucesso ou fracasso. “No homem existe a necessidade biológica de ser o provedor” (p.95); para o homem se sentir realizado e bem sucedido, torna-se necessário que a mulher reconheça os seus esforços. Assim, sob o aspecto do sucesso masculino, é atribuído à mulher um papel muito importante e fundamental, no relacionamento do par, a saber: o reconhecimento, bem como a sua explicitação verbal ao parceiro, desses valores tidos como masculinos: corajoso, competitivo, capaz, poderoso, determinado, admirado, habilidoso e prestigiado.

As idéias supracitadas encontram eco no discurso de Gray quando destaca o sucesso, a realização e a competência como necessidades masculinas que estão presentes (silenciosa e indiretamente) durante a comunicação com a mulher. Nessa busca de êxito, os homens focam seu interesse em *objetos e coisas*, mais do que em pessoas e sentimentos. As coisas para os homens servem de alavanca para

que eles expressem o seu sucesso e poder, por meio da criação de resultados e da concretização de metas, que servem de evidência de sua competência. Mas isso só vale, como motivo de orgulho, se ele tiver conquistado tudo por si só, sem a ajuda de ninguém. Na visão masculina, autonomia é sinônimo de sucesso, eficiência, poder, competência e realização.

“Eles estão sempre fazendo coisas para se provarem e desenvolverem seu poder e suas habilidades. Seu senso de si mesmo é definido pela sua habilidade em alcançar resultados. Eles experimentam satisfação, principalmente, através do sucesso e da realização (...). Tudo em Marte é um reflexo desses valores” (p.26).

Para esse autor, ser útil e produtivo é algo muito importante no universo masculino. Esse é o seu energético, que o estimula e o fortalece. Contrariamente, quando não sente que alcançou um resultado feliz ou quando não se sente necessário, ele se torna sem energia, passivo e cada vez mais se dá menos ao relacionamento com a mulher.

Não falhar diante da validação feminina (ser merecedor do amor de sua mulher), é, também, a razão pela qual se justifica o medo de fracassar na luta pelo sucesso e, conseqüentemente, a insistente e contínua busca masculina pelo êxito. Sob o ponto de vista de Gray, na verdade e no íntimo, o homem sustenta uma crença “formada e reforçada na infância” (p.68) de que não é bom o bastante; crença essa modelada em todos os momentos em que ele se sentia depreciado ou despercebido em suas realizações infantis, frustrando suas expectativas de ser validado e reconhecido como uma pessoa de êxito. O autor ressalta que essas conseqüências são sofridas demais para muitos homens, uma vez que se formaram há muitos anos, quando não tiveram a oportunidade de ter “modelos de papéis bem-sucedidos durante a infância” (p.71), fazendo uma referência aos modelos paterno e materno.

Jablonski (2003, 2000) aponta que numa sociedade que nos coloca diante de tantas turbulências e reflexões acerca dos padrões comportamentais, tanto masculinos quanto femininos, há uma tendência dos parceiros a se culparem ou a culparem o outro pelos conflitos, desentendimentos na *comunicação* e pelo insucesso da união, e que não se dão conta do modelo pouco compatível com a própria realidade, criado pela cultura. Esse modelo sociocultural tem provocado uma revolução nas relações de gênero, tornando difícil a interação homem-mulher, também no campo afetivo-sexual.

As afirmações desse autor podem ser relacionadas a três argumentos de

Gray: 1º) a definição do senso masculino de identidade através da sua *aptidão* em atingir resultados bem sucedidos, 2º) o distanciamento masculino na relação homem-mulher em face da *sensação de fracasso pessoal* na busca pelo sucesso, e, 3º) a *crença de não ser bom o suficiente* cuja formação é atribuída as figuras parentais, como modelos na infância. Nesse panorama de relação entre os autores, chama-se a atenção para a consideração subjacente ao discurso de Gray, aos fatores socioculturais na imagem masculina delineada; fatores esses citados por Jablonski (2003, 2000) - modelos criados pela cultura, de difícil alcance, e não percebidos pelos membros do par. Fazendo referência a dois argumentos de Pease e Pease - para se sentir como pessoa de sucesso, o homem precisa do reconhecimento feminino de seus resultados, e, se o homem interpreta, o que ouve da mulher, como uma queixa de insucesso masculino, então a comunicação entre eles se torna prejudicada - cabe destacar, ainda, que a mesma análise supracitada vale, também, para a associação às afirmações de Jablonski.

A necessidade masculina de transparecer-se como bem sucedido e auto-afirmativo, em face da mulher, também pode ser demonstrada no estudo de Goldenberg (1991) sobre a construção social da identidade masculina a partir da relação afetivo-sexual do casal. A autora concluiu, através dos depoimentos dos entrevistados (homens de camadas médias urbanas, em idades entre 30 e 57 anos, moradores da zona sul do Rio de Janeiro e com 3º grau completo), que a afirmação da identidade masculina se dá também através do desejo de corresponder às expectativas sociais, em especial das mulheres. Comportamento esse, considerado pelos participantes como comum aos homens brasileiros.

Na sociedade ocidental da atualidade, os valores adotados - sucesso, poder, dinheiro, superação do próximo e prestígio - fazem surgir grandes expectativas e acirradas competições entre os homens, incluindo-se o campo do trabalho. Assim, o modelo de vida masculino abarca um homem que seja super-realizador, super-esforçado em tempo integral para o alcance do sucesso e do poder. Isso transforma o homem num prisioneiro de si próprio, daquilo que o persegue e realiza, ao invés daquilo que ele é, voltando-se, assim, para a obrigação, para o campo profissional e para o auto-sacrifício (Cuschnir e Mardegan Jr., 2001). Dessa forma, acredita-se também que os homens da atualidade estejam falidos em seu papel masculino - sentem-se vulneráveis e infelizes, inseguros financeiramente porque tomam o sucesso no trabalho como sua positiva

identidade masculina (Cuschnir, 2000). A crença masculina de que mais macho ele será, diante da sociedade, quanto mais prestígio e dinheiro ele possuir, ao mesmo tempo que o impulsiona para a realização no trabalho, faz com que ele apresente uma ansiedade frenética por conquistar tranquilidade emocional. Os homens acreditam que são escolhidos, pelas mulheres, pelo seu status profissional, e isso provoca neles uma insatisfação na sua relação com o sexo oposto, não conseguindo se realizar nem se dedicar à sua parceira como gostaria. Reforçando esse posicionamento, Barasch (1997) destaca a correlação masculina automática, dos homens em geral, entre sucesso/fracasso profissional e relacionamento homem-mulher. Isso pode ser observado no conseqüente reflexo positivo/negativo em seu comportamento afetivo-sexual na relação com a parceira, quando acontecem mudanças nos negócios ou nas suas relações profissionais.

Além dessa crença masculina sobre a importância do seu sucesso profissional, um outro aspecto que também tem provocado nos homens intranquilidade no campo afetivo refere-se ao fato de que eles não foram ensinados a se dedicar também à mulher e à vida familiar. Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) ressaltam que são imensuráveis todos os fatores que influenciam na formação das crenças masculinas, estando, dentre esses fatores, questões como a relação do homem com o pai e com a mãe, o local onde o homem morava, a forma como se relacionava com seus amigos, etc. Sinalizam, ainda, que é importante que se ofereça ao homem ferramentas para que ele aprenda a lidar com a vida afetiva de modo mais tranquilo. E destacam que o *novo homem* está começando a perceber a importância de se cuidar da vida afetiva, da relação homem-mulher, e da vida familiar.

Em resumo, os argumentos de Pease e Pease e de Gray, sobre a necessidade de sucesso, que também perpassa a *comunicação* masculina com a mulher, em suas essências, vão ao encontro dos resultados apresentados nos estudos acadêmicos de Jablonski (2003, 2000), de Goldenberg (1991), de Cuschnir e Mardegan Jr. (2001), de Barasch (1997) e de Cuschnir (2000): o alcance do sucesso e do poder, o homem super-realizador, a escravidão nessa busca pelo prestígio, e as crenças masculinas de que o amor feminino está associado diretamente ao sucesso de suas realizações e ao status masculino. Há divergência, entretanto, entre esses estudos acadêmicos e as idéias de Pease e Pease, quando

esses autores apresentam a estrutura cerebral masculina como justificativa prioritária para a necessidade de busca ao sucesso, apesar de estar presente, em seus discursos, de forma muito secundária (e até mesmo se contradizendo em seus argumentos), o aspecto sociocultural como influenciador desse comportamento do homem. A imagem masculina, subjacente aos discursos dos escritores dos livros de *auto-ajuda*, surge com atributos tradicionalmente característicos do homem de épocas antigas - sucesso, coragem, competição, prestígio, poder, materialismo, autonomia, mas que, na atualidade, são atributos, ainda, vigentes. A figura do sexo masculino, assim retratada, reforça o conflito interno vivenciado pelo intitulado *novo homem*, que, na contemporaneidade, sente a necessidade de adequar-se às exigências de condutas que abarcam, concomitantemente, valores antigos e modernos (às vezes opostos entre si, e num mesmo plano de prioridades).

A sétima e última temática - busca de validação e afeto - traz a observação de que todos os autores dos livros de *auto-ajuda* abordam a importância, para o homem, do amor da mulher, assim como do reconhecimento, por ela, de seu sucesso e eficiência.

Pease e Pease afirmam que o instinto masculino de proteção e competição faz com que o homem não queira ter uma imagem, diante da mulher, de fracassado ou perdedor, e que essa necessidade está marcada, em seu comportamento, há “um milhão de anos” (p.96). Ressaltam, ainda, que o contexto social estabelece como regra, para o homem, a associação entre cometer erros e ser criticado, ao risco de perder o afeto de sua mulher. Assim, o homem atribui o mérito pelo recebimento de validação e afeto femininos, à sua imagem como pessoa empreendedora e bem sucedida. Portanto, perpassa na comunicação masculina, que o homem carrega (por questões de ordem orgânica e sociocultural) a necessidade de valorização pelo sexo oposto.

São destacadas por Gray 12 necessidades masculinas, que são classificadas em primordiais (confiança, aceitação, apreço, admiração, aprovação e encorajamento) e secundárias (carinho, compreensão, respeito, devoção, validação e reafirmação). Por essas serem as suas necessidades fundamentais, é muito importante para o homem que perpassa, também em sua comunicação com a mulher, a validação dela sob todos esses aspectos. É importante, ainda, que a mulher expresse verbalmente essa legitimação, pois

“no fundo, todo homem quer ser o herói ou o cavaleiro de armadura reluzente para sua mulher e, às vezes, torna-se necessário, para o homem, ouvir isso dela. O sinal de que ele passou no teste é a aprovação dela (...); mais que qualquer coisa, ele quer (...) servir e proteger a mulher a quem ele ama” (p.150-152).

Nesse sentido, a grande necessidade masculina, e até, um grau de dependência, de afeto feminino, são sinalizados por Gray. “A maioria dos homens não está somente ansiando dar amor, mas faminta por isso” (p.57), e assim, garantirão serem admirados pela mulher. Novamente, a caverna é o refúgio quando seus relacionamentos fracassam, pois se tornam deprimidos, e nem mesmo percebem que estão abalados emocionalmente porque não se sentem mais amados, ou seja, não se sentem mais úteis na vida daquela parceira, não sentem que estão fazendo diferença positiva na vida dela. Assim, essa tristeza traz várias conseqüências, dentre elas: o bloqueio da comunicação com sua parceira, a dificuldade para continuar se importando com seus relacionamentos, e, até mesmo, com a sua própria vida. O autor chega a traduzir, da seguinte forma, a intensa necessidade masculina de ser útil na vida da mulher: “não ser necessário é uma morte lenta para um homem” (p.57).

Na comunicação com ela, essa necessidade de afeto é expressada de forma disfarçada, encoberta, ou não aparente (devido à vergonha que sente em admitir sua própria necessidade). No discurso desse autor, a busca masculina de validação e afeto feminino aparece atrelada, também, à questão sobre a forma do homem lidar com os próprios sentimentos. Conforme já discutido, em temáticas anteriores, oferecer à mulher palavras de conforto, de aconselhamento, ou algum tipo de solução representa, para o homem, um gesto de amor, o que o torna, por conseguinte (e indiretamente), merecedor de validação e afeto dela. Assim como Pease e Pease, subjacentemente ao discurso da comunicação masculina, Gray afirma a super-valorização da figura feminina na relação homem-mulher, o que pode ser ilustrado com a seguinte frase: “os homens são movidos a apreço” (p.276).

Todo homem tem grande dependência emocional da mulher e, comparativamente, essa dependência dele é maior do que a dependência da mulher em relação ao homem (Cuschnir, 2000). A mulher tem função importantíssima para a preservação do equilíbrio psicológico masculino necessário para que ele solucione os seus conflitos internos. Entretanto, esse autor ressalta que a relação do homem com a mulher não anda muito bem na atualidade,

e que há sinais de que o homem está buscando essa estabilidade emocional, também como forma de compensação, e ainda que discretamente, através da relação com os filhos.

No panorama da necessidade masculina de validação e afeto feminino, as idéias defendidas por Pease e Pease e Gray encontram respaldo, na maior parte dos seus argumentos, em atuais estudos acadêmicos e mais requintados como, por exemplo, o supracitado de Cuschnir (2000). Tanto na perspectiva de Pease e Pease quanto na de Gray, as temáticas de número seis e sete (sucesso, e busca de validação e afeto) aparecem atreladas entre si, no contexto da comunicação masculina. Nos discursos desses autores, é ressaltada de forma bastante enfática a importância, para o homem, de ser amado, validado e reconhecido, pela mulher. Faz-se mister destacar que essa temática encontra-se explorada com maior grau de detalhamento no discurso de Gray. Em resumo, observa-se que ao homem é atribuída uma imagem que espelha traços de épocas antigas, tais como: a sua necessidade de validação feminina não é assumida, verbal e explicitamente, a ela, porque ele precisa se mostrar forte, auto-suficiente, poderoso (*Sr. Conserta-tudo*), dono da situação, como herói (salvador, portanto), como provedor (quem dá, e não quem recebe), ser necessário para ela (logo, ela como dependente dele), e protegê-la (mulher como desamparada e indefesa, o *sexo frágil*). Por outro lado, há, em paralelo, subjacente a esse discurso, um retrato de um homem, de certa forma, carente de autoconfiança e admiração, incapaz de validar-se, e de reconhecer-se como competente em seus empreendimentos, o que o coloca em uma posição infantilizada/imatura, ou, até mesmo inferiorizada em face da mulher. Pode-se tomar como ilustração das observações supracitadas, a carência masculina (*morte lenta*) de confiança, encorajamento, reafirmação e apreço proveniente da mulher em relação a ele, quando não suprida, podendo ser até provocativa da depressão masculina, do bloqueio da comunicação, bem como, do distanciamento afetivo-sexual dele em relação à parceira e a si próprio. Complementarmente, vinculada a essa imagem masculina, surge um homem dependente e vitimado na relação com a mulher, assim como, apresenta, de forma discreta, uma responsabilidade direcionada, exclusivamente, à mulher para o sucesso do relacionamento do par (visão unilateral, e que não leva em conta outros fatores além do afetivo). Em outras palavras, um retrato do homem como *sexo frágil*, ou seja, um perfil que se aproxima do intitulado *novo homem*.

Este capítulo de análise de discursos dos *corpi* viabilizou a pesquisa da imagem masculina, nas duas obras literárias de *auto-ajuda*, sob o aspecto da comunicação verbal - falar e escutar - na relação homem-mulher. No decorrer e exposição das análises intra- e inter-discursivas, transitou-se por essa imagem, subjacente aos discursos. Esse retrato do sexo masculino está configurado, de certo modo, com traços múltiplos, pois, tanto no discurso de Pease e Pease, quanto no de Gray, observaram-se argumentos que refletiram um embaralhamento de aspectos de ordem orgânica, social, e cultural, para fundamentarem o comportamento masculino de comunicação interpessoal. O apontamento para a constatação da existência dessa multiplicidade de aspectos tem suporte no fato de que os autores explicitam, para o leitor, os princípios e valores considerados para sustentação dos seus argumentos, entretanto, no decorrer dos discursos, observa-se que os escritores apóiam-se, adicionalmente, em valores e princípios outros, diferentemente daqueles inicialmente assumidos como única fundamentação teórica. Em síntese, com referência a Pease e Pease, a figura masculina está construída, em suas atitudes, com base na sua formação cerebral - direcionada pela bioquímica¹³, e, como influência secundária e coadjuvante, com base no condicionamento sociocultural. Já no discurso de Gray, o sexo masculino apresenta-se constituído por influências que contemplam, prioritariamente, os âmbitos social, cultural e psicológico, e, complementarmente, por considerações aos aspectos nato¹⁴ e instintivo¹⁵ do indivíduo. Essa averiguação traz à tona uma das sinalizações da metodologia - MEDS - utilizada para o desenvolvimento desta dissertação, a saber: a contradição recorrente nos *discursos de cada escritor em cada livro* como um todo (Nicolaci-da-Costa, 2006). Há de se considerar, contudo, que não se deve associar essa contradição a um discurso falso ou com pretensões enganosas ou desonestas, em relação ao leitor, mas sim, como um discurso elaborado pelos comunicadores, com recursos a técnicas argumentativas

¹³ “Ramo da química que trata das reações passadas nos organismos vivos; química biológica; química fisiológica” (Ferreira, 1986, p.260).

¹⁴ “Que é de nascença; congênito; inerente à natureza” (ibid., p.1182); “Natural, inerente, próprio, congênito” (Barbosa, 2004, p.377).

¹⁵ “Disposição, impulso, tendência” (ibid., p.319); “Fator inato de comportamento dos animais, variável segundo a espécie, e que se caracteriza, em determinadas condições, por atividades elementares e automáticas; forças de origem biológica inerentes ao homem e aos animais superiores, e que atuam, em geral, de modo inconsciente, mas com finalidade precisa, e independentemente de qualquer aprendizado; tendência natural; aptidão inata; impulso espontâneo e alheio à razão” (Ferreira, 1986, p.953).

para persuasão ao leitor. Nesse contexto, tanto Pease e Pease quanto Gray pressupõem, para essa influência, um quadro de valores pessoais já internalizados pelo leitor, e farão uso dessa premissa para o alcance de sucesso de suas obras no mercado da literatura de massa. Não obstante, cada escritor apresentou um estilo personalizado para a criação de seus discursos: Pease e Pease, por serem consultores empresariais de imagem, comunicação e vendas, buscam um estilo mais polêmico e instigador na construção da imagem do homem; Já Gray, por ser conselheiro de casais, é mais apaziguador e conciliador, na relação homem-mulher, para retratar a figura do sexo masculino.

Assim, como decorrência natural dessas multiplicidades de aspectos, nos discursos dos livros de *auto-ajuda*, o representante do sexo masculino apresentou-se, sob o aspecto da *comunicação* interpessoal com a mulher, de certo modo, com características comportamentais tradicionalmente associadas a épocas antigas e, coexistentemente, condutas marcadamente contemporâneas. Nota-se que esse panorama reflete o contexto do intitulado *novo homem*.

A seguir, para melhor visualização da imagem do homem, são organizadas as sete (7) temáticas recorrentes nos discursos dos autores dos dois livros de *auto-ajuda* em quadro.

Temáticas recorrentes em Pease e Pease (2000) e Gray (1995)		
TEMÁTICAS DA COMUNICAÇÃO MASCULINA	IMAGEM MASCULINA	VISÃO ANTIGA X VISÃO CONTEMPORÂNEA
Capacidade e habilidade para a fala	Capaz de desenvolver e/ou aperfeiçoar, por meio de treinamento, suas capacidade e habilidade para a <i>comunicação</i> com a mulher.	Visão contemporânea.
Consequências das características básicas presentes no estilo de fala	Rude.	Visão antiga.
	Hierarquicamente superior ao sexo oposto.	Visão antiga.
	Desatencioso com os sentimentos da parceira.	Visão antiga.

Temáticas recorrentes em Pease e Pease (2000) e Gray (1995)		
TEMÁTICAS DA COMUNICAÇÃO MASCULINA	IMAGEM MASCULINA	VISÃO ANTIGA X VISÃO CONTEMPORÂNEA
	Vitimado por suas qualificações de ordem biológica.	Visão antiga.
	Enfoque simplista aos aspectos socioculturais quanto à variedade de intenções que podem estar influenciando, motivando e, portanto, perpassando o estilo de fala interpessoal.	Visão antiga.
	Vitimado em face da mulher.	Visão contemporânea.
O silêncio e a introspecção	Atributos clássicos no sexo masculino.	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Necessidade de: ser o herói da mulher, auto-suficiente e autocontrolado, ser merecedor de confiança feminina, ser solucionador de problemas.	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Não fala para a parceira sobre aquilo que lhe incomoda.	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Dificuldade de expressar verbalmente suas dificuldades/necessidades íntimas.	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Provoca distância emocional e insensibilidade em relação à parceira.	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Silêncio como provocador de conflitos na <i>comunicação</i> .	Visão antiga e Visão Contemporânea.
	Silêncio como problema <i>per se</i> .	Visão antiga.
	Homem vitimado em face da mulher porque não tem a compreensão dela no tocante a essa necessidade masculina (homem como <i>sexo frágil</i>).	Visão contemporânea.
Lidar com os próprios sentimentos	É uma dificuldade masculina	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Homem como um provocador de conflitos e desentendimentos pelo seu comportamento de camuflagem dos seus sentimentos	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Racional, e não, emocional.	Visão antiga
Percepção literal na escuta	Os homens percebem o que é dito, pelas mulheres, de forma literal (ao <i>pé da letra</i>), trazendo incompreensão na comunicação com ela.	Visão antiga e Visão contemporânea.

Temáticas recorrentes em Pease e Pease (2000) e Gray (1995)		
TEMÁTICAS DA COMUNICAÇÃO MASCULINA	IMAGEM MASCULINA	VISÃO ANTIGA X VISÃO CONTEMPORÂNEA
	Vitimado pela maneira feminina de falar - indireta, detalhista, ilógica e desorganizada (homem <i>perdido</i> em face dessa característica do sexo oposto; homem como <i>sexo frágil</i>).	Visão contemporânea.
	Escuta a mulher guiando-se pela razão, e não, pela emoção.	Visão antiga.
Sucesso	Valoriza, em primeiro lugar, objetos, coisas, alcançar metas e a competência, e, em segundo lugar, relacionamentos, sentimentos e <i>comunicação</i> .	Visão antiga.
	É <i>proibido</i> para o homem: ser criticado, mostrar-se fraco, ser perdedor, errar, fracassar em seus esforços, não ser auto-suficiente, não mostrar autonomia.	Visão antiga.
	Sentido de identidade atrelado ao sucesso pelo que ele faz, e não, vinculado ao que ele é, como indivíduo.	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Homem de sucesso será aceito e amado pela mulher (<i>por trás de um homem bem sucedido... existe sempre uma mulher</i>).	Visão antiga.
Busca de validação e afeto	Dependente emocionalmente da mulher para garantir o seu equilíbrio psicológico.	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Necessita ser o ídolo, o galã, o provedor e o cuidador da mulher.	Visão antiga.
	Necessita de validação pela mulher e do reconhecimento explícito dela.	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Razão pela qual busca o sucesso.	Visão antiga e Visão contemporânea.
	Inseguro na relação interpessoal, carente de reconhecimento, inferiorizado em face da mulher.	Visão contemporânea.
	É vítima (e não co-responsável) na condução de seus relacionamentos, culpabilizando a figura feminina nos casos de insucesso (homem como <i>sexo frágil</i>).	Visão contemporânea.

Como exposto acima, as características apresentadas da imagem masculina, por vezes são excludentes, inserem-se na visão antiga ou na visão contemporânea. Há, no entanto, aspectos dessa imagem que, fazendo parte de uma visão antiga,

estão presentes também no homem da contemporaneidade. Isso mostra que ele, na época atual, traz atributos inovadores que se somam a muitos aspectos de épocas passadas.

Levando-se em consideração que os livros de *auto-ajuda* são escritos para um homem contemporâneo, utiliza-se, muitas vezes, como argumento de venda, de propostas inovadoras e de sucesso para um novo homem. Os livros de *auto-ajuda*, de fato, apresentam alguns aspectos novos, presentes no homem atual. Muitos desses aspectos, no entanto, também apresentados como inovadores, fazem parte da visão tradicional. Dessa forma, percebe-se que os autores se promovem pelos argumentos de trazerem novas propostas para o homem atual, mas trazem, junto a isso, muitos aspectos antigos, o que pode acirrar ou levar a conflitos por serem aspectos, muitas vezes, opostos entre si.